

## AS CAMPANHAS DE ALEXANDRE MAGNO E A DEFINIÇÃO DE UMA (NOVA) IDENTIDADE POLÍTICO-CULTURAL NO FINAL DO SÉC. IV a. C.

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

*-Sou superior (...) a todos os anteriores a mim, na arte militar (...). Basta a fama para (...) esclarecer sobre o rei que eu fui (...). Persegui os assassinos de meu pai e, depois de aterrar os Gregos com a destruição de Tebas, fui por eles eleito. E não considere digno, ao cuidar do governo dos Macedônios, contentar-me com comandar quanto meu pai me deixara (...); invadi a Ásia com um punhado de gente e ganhei a grande batalha de Granico. E tomei a Lídia e a Iônia e a Frígia e, deitando em resumo a mão continuamente a tudo que estava diante de mim, dirigi-me para Issos onde Dario me aguardou com um exercito de muitas dezenas de milhares de homens (...). E para não estar a descrever-te o que se passou em Tiro nem em Arbela, ao menos dir-te-ei também que alcancei a Índia e fiz do Oceano a fronteira do meu império. E tomei os elefantes deles e dominei os Persas e venci os Citas, que não são homens de somenos, numa grande batalha de cavalaria, depois de atravessar o Tânis. E favoreci os amigos e puni os inimigos.-*

Luciano, *Dialogos dos Mortos*, XII.

Considerado por muitos o mais carismático e heróico rei de todos os tempos e um dos maiores gênios militares da História<sup>1</sup>, Alexandre Magno foi, de facto, o primeiro grande conquistador a unir a Grécia, o Egipto, a Ásia Menor e a Ásia, dominando um império que se estendia do Adriático ao Indo, do Danúbio às cataratas do Nilo, criando um poderoso sincretismo étnico entre os Macedônios e as populações conquistadas (especialmente com os Persas Aqueménidas) e assegurando a expansão das ideias, cultura e mentalidade dos Gregos. Ao conquistar o império Aqueménida realizou, talvez, o evento mais importante da história do Próximo Oriente<sup>2</sup>.

A sua actuação provocou, efectivamente, uma viragem fundamental na história do mundo antigo: o seu reinado marcará o fim da história antiga e o começo de uma nova era caracterizada pelo helenismo, uma cultura de tipo ecuménico e, em consequência, o mundo deixa de ser o que era<sup>3</sup>; o mundo que nasceu com as conquistas de Alexandre já não é exactamente o mesmo que o mundo de Demóstenes<sup>4</sup>. Com a sua morte desaparece a civilização da pólis, a da Grécia de Sólon, de Ésquilo e de Aristófanes<sup>5</sup>.

Em torno da sua figura desenvolveram-se inúmeros mitos e lendas, numa contínua construção e reconstrução da sua memória. Ainda hoje, Alexandre Magno é objecto de inúmeros trabalhos, alguns envoltos em extensa polémica, perante as várias interpretações que os seus estudiosos apresentam do grande general: para uns, ele é o rei dos reis, por excelência, invicto no campo de batalha<sup>6</sup>; para outros, não passa de um alcoólico, homossexual e assassino em massa; outros ainda referem-se-lhe como precursor de Cristo, qual benfeitor da Humanidade, no desenvolvimento da concepção de uma humanidade como fraternidade universal. Há, ainda, quem só o consiga ver como místico e visionário, exaltado na demanda de imitar a valentia e a glória do mítico Aquiles, qual herói providencial. Alguns não deixam de o exaltar como epitome da liberdade e da democracia helênicas, em contraste com a tirania e o despotismo orientais<sup>7</sup>.

A disparidade de posições faz com que seja apresentado como santo cristão, profeta islâmico e benfeitor dos judeus<sup>8</sup>. O carácter enigmático e contraditório da própria personagem moldou a força da lenda: excessivamente generoso era também capaz da maior crueldade e brutalidade. Brillhante e inteligente, cegava, por vezes, de intolerância e cólera. Homem, assumia comportamentos de deus<sup>9</sup>. De Sofia a Kabul, «Ishkander» permanece como herói folclórico, sendo o seu nome muitas vezes invocado em sinal de boa sorte. Com maior ou menor carga mítica, Alexandre tornou-se o protótipo do grande herói conquistador e colonizador que traz às populações bárbaras a civilização, no caso, a civilização grega.

O confronto entre a obra realizada, os traços de personalidade fixados pelos seus biógrafos, coevos ou não<sup>10</sup> e a construção permanente da sua memória e imagem, cruzado com as características do mundo do séc. IV a. C. e do impacto da Macedónia sobre as civilizações e culturas do seu tempo, permite tentar apreender os traços distintivos e idiossincráticos do seu carácter e da sua actuação política e cultural ou, pelo menos, dos processos de construção social da sua memória<sup>11</sup>.

## **As vitórias militares como signos legitimadores da qualificação real**

Na narrativa memorável, mítica, sobre Alexandre Magno, as suas vitórias militares constituíram a materialização de elementos predestinadores e singulares da vida e personalidade do rei macedónico. Ainda em vida de Filipe II, como regente da Macedónia, em 340 a. C. (com 16 anos), assegurou a dominação macedónica sobre os Trácios e os Ilírios e, em 338 a. C., chefiando a cavalaria do exército de seu pai (que, na altura, tinha 45 anos), esmagou decisivamente a revolta das forças gregas (Tebanos e Atenienses), na Batalha de Queroneia (no vale do Cesifo, na Beócia), travada a 4 de Agosto<sup>12</sup>.

Aos 20 anos, em 336 a. C., assassinado Filipe II pelo jovem nobre Pausânias<sup>14</sup>, assume de imediato o poder, como Alexandros Filipou Makedonon, Alexandre III, rei da Macedônia, tornando-se o herdeiro de seu pai<sup>14</sup>, não somente na Macedônia, mas também na luta contra os Persas, usando para isso o exército criado por Filipe II.

Como proclamava Isócrates (436-338 a. C.), o grande paladino da unificação da Grécia, os Persas eram *o inimigo hereditário* dos Gregos. Após dois séculos de humilhações e afrontas das forças gregas, não obstante as esplêndidas vitórias de 490 a. C. (Maratona), 480 a. C. (Salamina) e 479 a. C. (Plateias), havia ainda resquícios de pan-helenismo antipersa<sup>15</sup>. Na Primavera de 336 a. C., Filipe II enviara um primeiro corpo expedicionário (10.000 homens, comandados pelo general Parménion) encarregue de libertar as cidades irmãs da Ásia Menor, de acabar, assim, com a subjugação imposta pelos Aquemênidas, de vingar a destruição dos santuários gregos e de preparar o terreno para um desembarque de todo o exército<sup>16</sup>. Caberia, portanto, a Alexandre Magno completar/ concluir os planos de seu pai, encarnando o secular espírito grego de vingança. Ao sair da Grécia, a sua campanha contra os Persas era essencialmente uma operação punitiva, uma guerra de represália.

Mas, antes de mais, era preciso fazer face à sublevação generalizada de povos sob o domínio da Macedônia<sup>17</sup>. Numa espantosa demonstração das suas qualidades de general, em 335 a. C., sufoca os vários focos de agitação (incluindo alguns pretendentes ao trono<sup>18</sup>) e vence, com coragem, astúcia e alguma crueldade, os inimigos balcânicos e gregos: Trácios, Citas, Getas, Ilírios e Tebanos<sup>19</sup>. Face à insurreição destes últimos contra a guarnição macedônia instalada por Filipe após Queroneia – os grillhões da Grécia – Alexandre, na Primavera de 335 a. C., destruiu a cidade de Tebas, fazendo 6000 mortos e reduzindo à escravidão a sua população com o aval da Liga de Corinto<sup>20</sup>.

Para a ideologia desenvolvida em torno de Alexandre Magno, esta primeira campanha, em apenas 15 meses, demonstrou, de imediato, o talento de estrategista que haveria de se potenciar ao máximo na conquista da Ásia. A passagem do Helesponto e o cravar da sua lança em território asiático, proclamando o *dorykhétos chora* (terra conquistada pela ponta da lança) eram uma marca clara desta mesma ideologia helênica<sup>21</sup>.

As batalhas de Granico (Maio-Junho de 334 a. C.) – em que Alexandre derrota os sátrapas da Ásia Menor, chefiados por Mênnon de Rodes e Mitridates (genro de Dario III), e, em consequência, se apodera da parte norte da Ásia Menor<sup>22</sup> –, de Isso (Novembro de 333 a. C.) – em que derrota, de novo, os Persas Aquemênidas, agora chefiados por Dario III, apoderando-se sucessivamente de Babilônia, Susa, Persépolis e Pasargada, outras capitais reais<sup>23</sup> –, de Gaugamela ou Arbela (1 de Outubro de 331 a. C.<sup>24</sup>) – em que vence definitivamente o «Grande Rei» Dario III<sup>25</sup> – e de Hidaspes (326 a. C.) – em que domina o rajá hindu Poro e o seu exército de 20.000 infantes indianos, 2.000 cavaleiros e centenas de elefantes, com vários arqueiros e atiradores de lanças<sup>26</sup> – foram as etapas mais importantes das suas invencíveis campanhas.

Temos assim que o ‘garoto inofensivo’, como lhe chamou Demóstenes quando Alexandre subiu ao trono da Macedónia, unificou a Grécia à força em pouco mais de um ano. Não obstante, apesar de designado chefe supremo das forças gregas, *hegemon*, Alexandre Magno não lograra o apoio militar naval dos estados gregos devido, sobretudo, à singular violência destrutiva desferida sobre a cidade de Tebas, em 335 a. C. Ao destruir a cidade, Alexandre destruiu efectivamente o espírito de rebelião que poderia alastrar pelas várias cidades helénicas, mas, simultaneamente, refreou o necessário espírito de cooperação das mesmas<sup>27</sup>.

O começo das hostilidades directas com os Persas é, assim, portanto, marcado por uma inferioridade naval inicial<sup>28</sup> que colocava como principal e imediata tarefa a inutilização do inimigo no mar, ou seja, a destruição de todas as suas bases marítimas, pelo que a marcha ao longo da costa da Ásia Menor e a captura de sucessivos portos nessa costa eram incontornáveis. Era preciso retirar à frota perso-fenícia as suas tradicionais bases de operação e portos de abrigo, desestimulando o recrutamento de homens e o equipamento dos navios. Dessa forma, quebrava-se toda e qualquer pretensão de ataques persas – facilmente concretizáveis – à própria Grécia. Tratava-se de derrotar a frota persa desde terra, de quebrar o poderio marítimo da Pérsia<sup>29</sup>.

De 334 a 332 a. C., Alexandre Magno realiza, assim, uma série de imparáveis conquistas do Mar Negro até ao Vale do Nilo: as cidades de Sardes (a capital da Lídia, uma das capitais reais), Éfeso<sup>30</sup>, Priene, Mileto<sup>31</sup>, Mégara e Halicarnasso<sup>32</sup> caem sob o seu poder<sup>33</sup>; as regiões da Mísia, Lídia, Cária, Paflagónia, Frígia, Pisídia, Panfília, Cilícia, Síria, Fenícia<sup>34</sup> e Palestina<sup>35</sup> furtam-se ao jugo aqueménida para se entregarem à dominação macedónica<sup>36</sup>; o Egipto entregou-se-lhe, sem qualquer resistência<sup>37</sup>; ou seja, em 2 anos, Alexandre concretiza o projecto de Filipe II, apoderando-se das cidades da costa siro-fenícia, dominando, assim, o litoral leste do Mediterrâneo, retirando ao Grande Rei dos Persas as suas principais bases de apoio marítimo e fazendo do Egipto, mais particularmente da cidade de Alexandria, por si fundada na embocadura ocidental do Nilo com o seu próprio nome (Janeiro de 331 a. C.), uma das bases do seu poder<sup>38</sup>. O primeiro grande passo *æ* *o domínio do litoral*<sup>39</sup> – estava dado e cumprido com sucesso.

## **O Oráculo de Amon em Siuah: de herói a deus. Um grande passo da ideologia**

Na visita ao oásis do deserto líbico, em Siuah, em Novembro de 332 a. C., um sacerdote de Amon chama a Alexandre, propositadamente ou por lapso, *filho de Amon*<sup>40</sup>. Num século obcecado pelo sobrenatural, tal proclamação corroborava a convicção de uma ancestral tradição divina, mítica e heróica, de Alexandre<sup>41</sup>. O rei

macedônio confere à expressão -filho de Amon- (corrente e típica na titulação faraônica, particularmente desde o Império Novo) um sentido demasiado literal: filho carnal, querido e amado, do grande deus egípcio, na altura o principal patrono do Egípto<sup>42</sup>, ou seja, assume a aura de deus em si mesmo. Por direito, Alexandre Magno sentia-se legítimo sucessor/ herdeiro dos faraós. Acresce a este aspecto o facto de, além de se considerar -filho de Amon-, Alexandre deixar que o tratassem por -filho de Zeus-<sup>43</sup>.

A potência divina de Amon era susceptível de assumir qualquer outra forma escolhida pelo deus, sendo o carneiro, macho poderoso e viril de poderosos chifres curvados, retorcidos, baixo e de cauda curta (*ovis platyura aegyptiaca*), uma óptima hipostase. O seu animal sagrado terá proferido o oráculo em Siuah, o que atesta a sua vitalidade ainda no séc. IV a. C.<sup>44</sup> e explica uma imagem iconográfica recorrente da ideologia alexandrina: a representação de Alexandre com o corno de carneiro do deus Amon<sup>45</sup>. Auto-persuadido da sua origem e filiação divina<sup>46</sup>, Alexandre, concretizando, no fundo, vertentes anteriores presentes na sua educação, assume a sua condição divina como faraó egípcio.

Alexandre era, na realidade, filho de Filipe II (383-336 a. C.), rei da Macedónia por usurpação e brilhante governador e estratega<sup>47</sup>, e de Olimpiade, princesa do Epiro, filha do rei molosiano Neoptólemo<sup>48</sup>. Olimpiade, «un monstre d'orgueil exalté»<sup>49</sup>, parece ter exercido enorme influência sobre o filho, designadamente ao desenvolver em seu redor uma auréola de singularidade e sobrenaturalidade. Plutarco regista, citando Eratóstenes, que, aquando duma expedição de Alexandre, Olimpiade lhe terá revelado «o segredo do seu nascimento»<sup>50</sup> e o terá exortado «a mostrar sentimentos dignos da sua origem»<sup>51</sup>. O que a mãe fez foi, no fundo, inculcar no jovem a noção da sua origem divina, em última instância como filho de Zeus. Alexandre acalentou tais ensinamentos, aceitou o princípio da ancestralidade divina e desenvolveu com a mãe, neste particular, uma relação de profundo entendimento e sintonia espiritual<sup>52</sup>.

Mais do que a ancestralidade terrena, é a ascendência supra-terrena que Alexandre reivindica e persegue. As ideias de predestinação e de sobrenaturalidade terão feito parte da educação familiar de Alexandre e ter-lhe-ão marcado indelevelmente o carácter, como a sua futura actuação político-militar viria a revelar.





A ascendência genealógica lendária apresenta Alexandre como descendente de Zeus por dupla via: por via paterna, é descendente de Hércules (filho de Zeus e de Alcmena), e, por via materna, é descendente de Éaco (filho de Zeus e de Egina)<sup>53</sup>. Ou seja, além de descender de Hércules e Aquiles, dois seres de excepção do mundo mitológico grego, era também -filho- de Zeus, o deus supremo dos Gregos, pai dos deuses e rei dos homens, senhor da Terra e do Olimpo: «il sent bouilloner en lui le sang des héros, ses ancêtres»<sup>54</sup>.


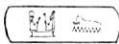
«Amigo das Letras e afeiçoado à leitura»<sup>55</sup>, Alexandre lia regularmente as grandes obras da literatura grega, adquirindo, assim, uma cultura profundamente helénica. Nas suas leituras incluíam-se as tragédias de Eurípides, Sófocles e Ésquilo, bem como as obras de Filisto, os ditirambos de Telesto e Filóxeno. Lia também Píndaro<sup>56</sup> e Heródoto; apreciava os escritos filosóficos de Anaxarco, Xenócrates, Dandânis e Calano<sup>57</sup>, além naturalmente das obras de Homero (sabia de cor alguns dos seus poemas), particularmente a *Iliada*<sup>58</sup>, o seu livro preferido. Segundo Plutarco, citando o testemunho de Onesicrito, Alexandre «considerava a *Iliada* um tesouro da virtude militar»<sup>59</sup>, colocando o seu exemplar, corrigido pelo próprio Aristóteles, «sempre com a adaga debaixo do travesseiro»<sup>60</sup>.


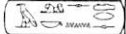
Pelo mito, descendente de deuses (Zeus e Amon) e heróis (Hércules e Aquiles<sup>61</sup>), a quem tinha, na prática, como modelos<sup>62</sup>, tendo a *Iliada* como livro preferido, Alexandre julgou-se, em breve, um autêntico deus-herói, a quem estavam também reservadas proezas militares.

Por tudo isto, pode afirmar-se que, pela educação, Alexandre contactou directamente com modelos de valor e coragem do passado, vendo neles o tipo de homem a imitar, na conduta e na *aretê*, na glória e na morte: «in childhood lived in a half-fantasy world of heroic combat»<sup>63</sup>, e, durante a sua vida, teve testemunhos significativos, que considerou e acalentou, que o erguiam ainda acima desse míticos heróis, qual deus na terra. Neste particular, a estadia no Egipto foi fundamental.

Embora não se possa afirmar inquestionavelmente que Alexandre, em 331 a. C., foi efectivamente coroado no trono de Ptah, em Mênfis, como soberano do Egipto (como faz Pseudo-Calístenes<sup>64</sup>), é, todavia, certo que aí sacrificou ao touro Hep/Ápis (uma das mais importante divindades do local, como hipostase do deus Ptah), foi aí enterrado (só mais tarde o seu corpo embalsamado seria transferido para Alexandria<sup>65</sup>), aceite como faraó legal e agraciado com os nomes e títulos dum monarca egípcio<sup>66</sup>.

Como todos os antigos faraós, foi catalogado de divino e imortal e qualificado de *di ankh ni Ré djet*, , *di 'nh ni R' dt*, «dotado de vida como Ré eternamente»; *netjer nefer*, , *ntr nfr*, «deus bom»; *neb tauu*, , *nb t3wy*, «senhor dos Dois Países»; *neb khau*, , *nb h3w*, «Senhor dos Horizontes»<sup>67</sup>. Os sacerdotes egípcios, detentores da multissecular tradição faraónica atribuíram-lhe também os nomes e títulos tradicionais:

— *nesubit* ( , *n-sw-bity*), «Rei do Alto e do Baixo Egipto» — expressão que antecedia o prenome (nome de entronização inserido numa cartela) *meri Amon setep-en-Ré*, , *mry 'Imn stp-n-R'*, «amado de Amon, escolhido do deus-sol Ré»;

— *Sa Ré* ( , *S3 R'*, «filho de Ré») — designação que antecedia o nome (nome de nascimento, encerrado noutra cartela) *Aleksandros*, , *3lksndrs*<sup>68</sup>.

Varios relevos de templos egipcios mostram-no usando os *regalia* ou atributos regios: a *pschent*<sup>69</sup>, a *kheprech*<sup>70</sup> e a cobra *uraeus* na frente. Como faraó, segura na mão o simbolo da vida, *ankh*, usa o *chendjit* (saiote faraónico de cerimonia) e a cauda taurina<sup>71</sup>. Não significa que, na realidade, Alexandre tenha usado efectivamente tais insignias de poder, mas sim que consentiu na sua utilização simbólica para melhor afirmar o seu papel e poder no Egipto. Em flagrante contraste com os odiados Persas, como não usava barba, surgia aos olhos dos egipcios mais como um deles do que propriamente como um estrangeiro<sup>72</sup>.

Os varios nomes e titulos, escritos em hieróglifos, encontram-se em inscrições egipcias, algumas contemporâneas de Alexandre, e demonstram que Alexandre: a) desempenhou, com sincera convicção mística, o papel de representante terrestre dos deuses; b) deu o seu consentimento e a sua aprovação para a utilização de tais onomástica e titulatura; c) identificou concretamente o seu papel no âmbito da ideologia politica e da mentalidade religiosa egipcias: um deus, filho de deuses<sup>73</sup>.

É com esta auréola que parte à conquista do Império Aqueménida. Ademais, é preciso realçar, o oráculo prometia-lhe o império universal, o *tornar-se senhor de todos os homens*<sup>74</sup>. Foi no Egipto que Alexandre uniu todos os fios dispersos e soltos da sua vida e começou a pensar e a agir em termos diferentes, novos: *the sense that he was half divine was consolidated as he moved towards Egypt*<sup>75</sup>. Numa palavra, Alexandre confirmou no Vale do Nilo as suas convicções pessoais de origem e filiação divina, invencibilidade e direito para aspirar ao Império Universal e vislumbrou todas as consequências politicas que poderia retirar das facetas sobrenaturais da sua existência.

## O βασιλεὺς Ἀλέξανδρος à conquista do trono imperial

A tomada das capitais reais Babilónia<sup>76</sup>, Susa<sup>77</sup>, Persépolis<sup>78</sup> e Pasargada<sup>79</sup>, a partir de 331 a. C., permitiu a Alexandre o controlo dos tesouros aqueménidas: 50.000 talentos em Susa e mais de 120.000 em Persépolis, ou seja, no total 4.250 toneladas de ouro<sup>80</sup>. Tornou-se então senhor de um tão vasto tesouro que, posto em circulação, constituía uma parte substancial das riquezas mundiais em moeda cunhada e em barra<sup>81</sup>.

A partir de então, com tais recursos financeiros, as campanhas macedónicas não dependiam mais do auxílio directo dos Gregos e até, em última instância, dos Macedónios. Já não estamos simplesmente perante o rei dos Macedónios, mas sim, doravante, perante o βασιλεὺς Ἀλέξανδρος, ou seja, o *rei Alexandre*, o rei de Macedónios e de Persas.

A correspondência trocada entre Dario III e Alexandre após a Batalha de Isso (333 a. C.) prova já indiscutivelmente o estatuto que Alexandre assumira. Quando o

rei dos Persas lhe escreveu pedindo que lhe restituísse a mulher, os filhos e a mãe e propondo-lhe um tratado de amizade, Alexandre respondeu-lhe dizendo:

*De agora em diante, quando te dirigires a mim fá-lo como ao rei de toda a Ásia, e não o faças em plano de igualdade, mas como ao senhor que sou de todas as tuas possessões, e nesse tom pede-me o que necessitares. De contrário, ofender-me-as. E se me contestares aludindo à tua soberania, ergue-te e luta por ela e não fujas, porque tenho o firme propósito de te perseguir onde quer que te encontres*<sup>82</sup>.

Alexandre concebia que as suas vitórias eram sinal de predileção divina, o que significava que o favor dos deuses se retirara de Dario III, sendo este, assim, um usurpador. A lei divina legitimava a sua ocupação do trono imperial aquemênida.

Se depois de Isso já se considerava rei de toda a Ásia, depois de Gaugamela reforçou ainda mais essa concepção: *Alexandre proclamou-se rei da Ásia, fez esplendorosos sacrifícios aos deuses e ofereceu aos seus amigos riquezas, casais e senhorios*<sup>83</sup>.

Se, do ponto de vista político-militar, a Batalha de Isso mudou a face do mundo, o momento-chave da viragem é, porém, a Batalha de Gaugamela: a batalha da «Europa contra a Ásia». Com a morte de Dario III, Alexandre proclama-se herdeiro do império aquemênida, comprovando todos os vectores emocionais-místicos em que piamente acreditava, como descendente de heróis e de deuses<sup>84</sup>.

As vitórias de Alexandre, como já, aliás, as de seu pai, advieram da cooperação das duas armas, a infantaria e a cavalaria, tanto nos movimentos ofensivos como defensivos. As divisões das fileiras, sobretudo a formação de 16 homens que se tornou a mais habitual, com as sarissas<sup>85</sup>, sem porém em causa a coesão da falange (em posição de marcha, ataque ou defesa), favoreciam as movimentações rápidas e expeditas das tropas<sup>86</sup>, muito importantes em determinadas incursões de surpresa, em situações de inferioridade numérica dos contingentes<sup>87</sup> ou em ambientes climático-geográficos muito diversos<sup>88</sup>. A vitória de Granico resultara da acção da falange, mas fora a decisiva acção da minoritária cavalaria macedónica que mostrou que a tática militar macedónica era superior à persa<sup>89</sup>.

Nas planícies asiáticas foi, todavia, necessário conciliar a infantaria com um progressivo aumento do número de cavaleiros, embora neste particular o exército persa fosse manifestamente superior ao macedónico<sup>90</sup>. O caso da batalha de Gaugamela é elucidativo desta situação: a cavalaria de Dario III teve um comportamento excelente, ao passo que a infantaria nada pôde face às falanges e às outras unidades de Alexandre<sup>91</sup>.

As alterações táticas introduzidas no exército, depois de Gaugamela, testemunham o esforço constante de uma organização sempre em progresso para se adaptar às novas necessidades da política e da guerra, com as suas exigências de

reforços e as novas condições de recrutamento. No Irao oriental, Alexandre Magno recrutou entre os contingentes locais de cavalaria (bactrianos, sogdianos, parapamisianos, massagetas, etc.)<sup>92</sup>. Assim, o exército, que, originalmente, era apenas constituído por Macedónios, Helenos e «Barbaros da Europa», incorporava, agora, «Barbaros Asiaticos». A relação numerica entre os contingentes do exército alterava-se também: os Europeus ficavam em minoria.

Aquando das campanhas contra Besso, o assassino de Dario III<sup>93</sup>, Alexandre foi obrigado a repensar toda a sua tactica militar. Reorganizou os seus homens, distribuindo as tropas em divisões menos numerosas e em secções mais ligeiras e móveis. Em muitas situações, empreendeu uma luta de guerrilha. Foi nessa altura que permitiu que muitas dessas novas formações fossem constituídas por persas seus aliados. Como rei da Ásia promovia a colaboração harmoniosa entre Persas e Macedonios nas fileiras do seu exercito.

Aquando da campanha da India, a partir de 327 a. C., os corpos e as divisões tácticas do exército haviam-se transformado profundamente: para uma eficaz adaptação à tarefa da perseguição aos *raids* militares, reforçaram-se as suas tropas ligeiras, criando novas armas (os hipacontistas e os hipotoxotes), recrutadas entre os Barbaros.

Mas ao proclamar a sua supremacia sobre os demais humanos e ao esbater fronteiras outrora tao nitidas entre Gregos e Barbaros<sup>94</sup>, Alexandre mexia com sensibilidades mais ou menos anquilosadas e provocava reacções inevitáveis. O sentimento de poder absoluto do soberano, sob influência do despotismo oriental, foi sentido por muitos como uma determinação moral do rei.

## **A «proskynesis» e as novas realidades politico-administrativas**

O conflito que opôs o general Clito ao próprio Alexandre, em 328 a. C., durante um banquete avinhado, que culminaria com a morte de Clito às mãos do enraivecido Alexandre<sup>95</sup>, sobre o luxo e a superioridade que o rei patenteava e proclamava<sup>96</sup>, radica precisamente num diferente entendimento do vector principal que se deveria realçar em todo o movimento de conquista, a saber, a força das armas: *«é graças ao sangue dos Macedonios e às feridas recebidas que te tornaste tao poderoso, a ponto de te intitulares filho de Amon, renegando a paternidade de Filipe»*<sup>97</sup>. Para Clito, mais do que a Alexandre, a glória pertencia a todo o exercito.

O mesmo sucedera já na Drangiana, em 330 a. C., com Filotas, seu amigo de infância, filho de Parmenion (seu fiel e competente general que já servira também sob Filipe II): vangloriando-se perante Antigone, uma mulher por quem acabara por se apaixonar e com quem vivia<sup>98</sup>, Filotas atribuía a si próprio e a seu pai «o mais

importante das acções militares<sup>99</sup>, tratando Alexandre como *um garoto que lhes devia, a eles, o título de rei*<sup>100</sup>. Naturalmente, Filotas foi, após algumas hesitações de Alexandre, acusado de conspiração, preso, interrogado, torturado e executado<sup>101</sup>.

A execução, em 327 a. C., do austero sofista Calistenes, sobrinho de Aristóteles e historiógrafo oficial de Alexandre<sup>102</sup>, derivara também, de certa forma, da mesma oposição: recusou dar a Alexandre honras divinas, não o adorando como todos os outros Macedônios e Persas faziam e *andava por toda a parte excessivamente orgulhoso, como se tivesse derrubado uma tirania*<sup>103</sup>, levando os jovens (os *pagens*-) a procurarem-no e a rodearem-no de atenções, *por ter sido o único homem livre entre tantos milhares*<sup>104</sup>.

Ao recusar praticar a *proskynesis* à moda persa (saudação de joelhos), Calistenes, como macedônio, recusa um estatuto sobre-humano a Alexandre, porque entendia a prosternação à grega, isto é, como adoração, valor ausente da mentalidade persa, que a concebia como sinal de fidelidade. Como acto de saudação e de reverência, não suscitava qualquer oposição nos súbditos persas: estavam habituados a este gesto do cerimonial aqueménida, considerando-o, por isso, perfeitamente natural. Numa palavra, a *proskynesis* correspondia à sua concepção mística de realeza. Fora, aliás, a obediência dos seus novos súbditos, de acordo com o seu hábito tradicional, que Alexandre visava com a adopção da *proskynesis*.

Os problemas vinham efectivamente dos Macedônios: a *proskynesis*, associada ao trono que Alexandre colocava a um nível mais elevado, o traje de aparato oriental que envergava mesmo em campanha<sup>105</sup>, a guarda persa (semelhante à dos Imortais de Dario III) e o fausto oriental da sua corte, não se configuravam ao seu modo de ser e pensar<sup>106</sup>. Em contraste, os orientais chocavam-se com a familiaridade com que os Macedônios tratavam Alexandre: um amigo, camarada de armas em todas as situações.

Alexandre teve, pois, que considerar os impulsos de liberdade dos europeus e a grande importância concebida pelos asiáticos às formas exteriores de exercício do poder, ou seja, teve que conciliar as estruturas ideológicas greco-macedônicas com as persas<sup>107</sup>. Não podia, por isso, dispensar da *proskynesis* nem os orientais (seria incitá-los à rebelião/ desobediência) nem os europeus (seria discriminar no interior do seu Império duas categorias de súbditos, com tratamentos e privilégios distintos).

Alexandre Magno percebeu que não bastava submeter militarmente as populações, anexar o território e impôr a todos uma lei uniforme. Era necessário conhecer, compreender e respeitar os costumes e os valores espirituais de cada povo, de cada comunidade. De um lado tinha súbditos habituados a verem na monarquia absoluta uma instituição de direito divino. Do outro situavam-se homens para quem o carácter horizontal das cidades helénicas os impedia de compreender e aceitar a poderosa verticalidade das monarquias asiáticas<sup>108</sup>.

A lei helênica persistiu em muitos aspectos (regulamentos do exército, administração das províncias, unificação dos sistemas fiscal e monetário, outorga de instituições democráticas às cidades), mas no domínio das relações de poder entre soberano e súditos foram adoptados usos asiáticos<sup>109</sup>. Embora com oposições declaradas e conflitos mais dramáticos, as concepções e opções de Alexandre acabaram por prevalecer.

## **De Ópis a Susa ou da fusão das armas à fusão dos sangues**

No entanto, o principal foco de tensão e de desentendimentos - que justifica muito das reacções de Filotas, Clito e Calístenes, entre outros - mais do que o excessivo comportamento «orientalizado» do seu rei, era a incorporação de estrangeiros, bárbaros (persas e indianos, designadamente), no exército e na administração. As indignações e as tragédias radicam, essencialmente, na «orientalização» da comunidade e na oposição entre concepções ocidentais e orientais<sup>110</sup>.

Dos Macedónios, uns mantiveram-se mais ou menos fiéis aos seus costumes de origem, conferindo ao *nomos* escrito ou consuetudinário macedónio uma observância absoluta, enquanto outros foram mais favoráveis à aculturação e às formas aulicas da *basileia* oriental de Alexandre. As divergências abrangeram os veteranos e os jovens macedónios (*-pagens do rei-*, βασιλιχοι παιδες), as elites militares e os simples soldados<sup>111</sup>.

Todos eram, no fundo, amigos íntimos do rei<sup>112</sup>. Todos eram, porém, também, inimigos íntimos do seu gosto pelos Bárbaros. Para eles era uma humilhação verem o seu rei e senhor, o seu camarada de tantas lutas, condescender para com os vencidos. Ademais, vencidos não gregos, bárbaros<sup>113</sup>.

Esta ideia perpassa no discurso de Calístenes quando, em Ópis, na margem do Tigre<sup>114</sup>, em 324 a. C., já no caminho de regresso, os soldados macedónios se ressentiram da preferência manifestada por Alexandre em relação aos medos e persas e da predominância que lhes conferia nos cargos de comando militar: *-Senhor, o que aflige os Macedónios é saber que nomeaste alguns dos Persas teus parentes, que estes se chamam assim a si próprios e que lhes é permitido dar-te o beijo, quando nenhum dos Macedónios da classe não dirigente gozou ainda dessa honra-*<sup>115</sup>.

Os Macedónios suportaram mal que os satrapas Persas tivessem obtido o título de companheiros e que Alexandre passasse a ter uma guarda (*agema*) macedónica e outra persa<sup>116</sup>. Quando este lhes anunciou que os veteranos e os feridos podiam regressar à Macedónia, os soldados macedónios concluíram que o rei decidira dispensá-los e apoiar-se nas tropas orientais.

Este era o dilema existencial quotidiano, continuo, para os Macedônios e para o próprio Alexandre, em particular. Mas para o rei não havia muitas opções: sabendo que o principal sustentáculo do Império era o exército e que com o avanço das campanhas o elemento inicial, macedônio e grego, era minoritário, ou satisfazia a maioria dos seus súbditos, incorporando alguns orientais na sua estrutura de poder, nomeadamente alistando-os para cargos de comando militar, e era aceite e considerado como soberano, ou contava exclusivamente com o seu punhado de Macedônios e, apesar do seu já provado valor no campo de batalha, corria o risco de não conseguir manter a unidade de um continente inteiro. De dominador *de facto* (por força da vitória militar, do «direito de lança») devia transformar-se em dominador *de iure* (pela conduta) sobre os seus súbditos iranianos<sup>17</sup>.

Dito de outra forma, à medida que o número de mancebos decrescia e que o território conquistado se ampliava extraordinariamente, a associação das populações autóctones à administração e ao exército era imperiosa. A reconciliação greco-persa era uma necessidade.

Os Macedônios tiveram, assim, que aceitar as alterações introduzidas pelo rei, a saber, atribuição do título honorífico «Parentes do rei» a alguns Persas; repartição das tropas em esquadrões e em falanges; criação de uma escolta persa, de uma falange de fiéis persas de infantaria; de uma coorte persa de hipaspistas com escudos de prata, de uma hiparquia de fiéis persas de cavalaria e de uma escolta real de cavaleiros persas; da substituição das sentinelas macedônias por sentinelas persas; do serviço pessoal prestado por efebos persas<sup>18</sup>. A reconciliação de Opis fundia as armas macedônias e persas, aceitando a incorporação nas fileiras do exército helenico de recrutas asiáticos com as mesmas patentes e atribuições dos Macedônios.

O facto de ter permitido que a satrapia permanecesse como unidade de administração regional (à excepção do extremo leste do império, onde cria grandes comandos militares), conservando o seu próprio sistema de impostos (predial ou pessoal, de corveias, de alfandegas), insere-se na mesma política de conciliação, unificação e equilíbrio do Império<sup>19</sup>. Confia o poder civil a sátrapas orientais. Entrega o poder militar a um estratega, dele directamente dependente. Nos lugares intermédios da administração deixa os indígenas, conhecedores da língua e das tradições locais<sup>20</sup>. Ao manter em cada região uma administração mais identificada com as populações e à qual estas estavam mais habituadas, Alexandre promovia/garantia a unificação do vasto território imperial<sup>21</sup>.

A igualdade de direitos entre Persas e Macedônios, a ὁμόνοια, *homonoia* («concordia, uniao»), procurada por Alexandre Magno levou ao estabelecimento de uma nova κοινῶνία, *koinonia* («comunidade»):

*procurava (...) tornar cada vez mais semelhante o seu estilo de vida à maneira de ser dos habitantes do país e, por outro lado, colocava estes em contacto com os costumes macedónicos, considerando que com tal mistura e relações se estabeleceriam as coisas melhor por meio da cordialidade do que pela força, nas situações em que se ausentasse com demora<sup>172</sup>.*

Quando, em 324 a. C., chegou a Susa, esgotado depois da longa caminhada desde o Indo, Alexandre constatou que a sua política de fusão não estava, porém, a dar os resultados desejados: muitos dos sátrapas, na sua ausência, haviam assumido comportamentos autoritários, despóticos, autocráticos. O Império estava seriamente desorganizado. O rei teve de se empenhar no restabelecimento da ordem, segundo os seus objectivos, efectuando inúmeras depurações na Pérsia, na Susiana, na Carmânia, na Média, etc. (cerca de 1/3 dos governadores foram substituídos), castigando severamente todos os que haviam excedido as suas funções ou atribuições<sup>173</sup>. Restou-lhe, depois, a opção de colocar, a partir de então, macedónios à frente da maior parte das satrapias, incluindo mesmo as mais orientais. Com as suas rigorosas sanções, Alexandre Magno fez compreender aos sátrapas e aos governadores das províncias a sorte que lhes estava reservada se prevaricassem e demonstrou às populações que não deixaria que as tratassem como gado.

O sonho de união e fusão de elementos gregos e persas persistiu e só assim se explicam os grandes festejos por ocasião dos casamentos entre macedónios e mulheres persas – as bodas de Susa –, de 324 a. C. O próprio Alexandre deu o exemplo ao casar com Estatira ou Parisátide, filha de Dario III<sup>174</sup>. No maior esplendor, durante sete dias de recepções e festins, foi oferecido um faustoso banquete a 3000 convidados do rei. 80 oficiais macedónios uniram-se também a mulheres persas<sup>175</sup>. Também participaram nos festejos os 10.000 soldados que haviam já casado com persas, a quem Alexandre ofereceu grandes dotes, considerando-os seus «parentes». Além disso, consagrou 200.000 talentos para pagar as dívidas dos seus soldados<sup>176</sup>. Tudo no mesmo dia, segundo o tradicional costume persa<sup>177</sup>.

Não podemos ver em todas estas uniões legais casamentos por amor. Na maioria dos casos, só as razões de Estado, a nova concepção de Império – Alexandre queria incorporar todos os homens na sua *oikoumené* – e a força da autoridade de Alexandre as justificam, pois quando morreu muitos maridos repudiaram as suas mulheres persas ou passaram a tratá-las como concubinas<sup>178</sup>. O objectivo de Alexandre era conseguir manter a sua dominação através duma estreita aliança das aristocracias macedónia, persa e meda. Nesta medida, podemos dizer que são casamentos políticos. Se a reconciliação de Ópis selou a fusão das armas, as núpcias de Susa consagraram a fusão dos sangues.

## Conclusão

Em resultado da sua educação e da mentalidade característica do seu tempo, Alexandre acreditava de boa fe que era um enviado dos deuses, por isso invencível<sup>17</sup>, e que tinha uma missão: conciliar o universo, organizando-o como uma unidade, para o que aspirava a fusão na administração e no exército e à mistura racial dos vários povos, nomeadamente de Macedónios e Persas.

Ao optar pela simbiose íntima entre a Grécia e o Oriente, Alexandre efectuava a deslocação para Este do centro de gravidade do mundo do seu tempo, transformando simultaneamente a civilização helenica e as civilizações do Oriente, o mesmo é dizer, abrindo caminho para a futura civilização helenística<sup>18</sup>. Neste sentido, Alexandre é o iniciador duma civilização nova, de carácter e vocação ecuménica. Ao desequilibrar o eixo do Mediterrâneo, incorporou, definitivamente, no contexto geo-político-cultural do Mediterrâneo as zonas compreendidas entre a costa leste (Siria, Fenícia, Palestina, Egipto) e a Índia<sup>19</sup>.

Ao não defender a submissão e humilhação do bárbaro, Alexandre Magno afasta-se do ideal pan-helénico, o que não significa que não assegurasse a helenização do Oriente, fiel ao ideal helenístico, através particularmente da urbanização. É nas novas cidades fundadas por Alexandre Magno que melhor se realiza a síntese das civilizações do mundo do seu tempo. O grego suplanta o aramaico como língua de comunicação internacional na bacia oriental do Mediterrâneo. É um fenómeno de difusão da *koinè*, como língua corrente e como veículo instrumental da prosa técnica<sup>20</sup>.

Ao ecumenismo político acrescentar-se ia o ecumenismo religioso. Com efeito, para culminar todo o edifício por si criado, talvez mesmo para lhe dar solidez, Alexandre enviou Damades a Atenas e outros emissários especiais a Esparta, a Argos, a Tebas e a Corinto para solicitar a sua aprovação para que lhe fossem conferidas as honras reservadas aos deuses olímpicos. E *-visto que Alexandre queria ser deus-* foi lhe concedido que o fosse, dado absolutamente inédito para um Heleno vivo<sup>21</sup>.

Usando o diadema imperial persa, sentado num cadeirão de ouro, com uma majestade e um hieratismo indistigável nos gestos, pela sumptuosidade das vestes, alvo da fidelidade, via *proskynesis*, de Macedónios e Persas, autodivinizado segundo a sua própria concepção, como predilecto dos deuses, e divinizado pelos Helenos, Alexandre, o Grande, era o deus-rei de um Império Universal.

Se, de novo, retermos os *Dialogos dos Mortos* de Luciano verificamos que também estes traços da personalidade de Alexandre se tornaram destacados para os seus contemporâneos e, sobretudo, para a posteridade do mundo antigo. No Dialogo XIII, Diógenes salienta a Alexandre que o logro da sua pretensa filiação divina e divindade lhe rendera muitos proventos: *-Mas a mentira deles [Olimpiade e*

sacerdotes de Amon] *nao te foi sem proveito, o Alexandre, no que toca às tuas actividades, porque a massa anonima encolhia-se, na convicção de que tu eras um deus*<sup>134</sup>.

No Dialogo XIV, entre Filipe e Alexandre, Luciano coloca na boca de Alexandre o reconhecimento explicito das suas intencoes mais profundas e dos seus maiores proventos, ou seja, daquilo que se considerava serem as suas motivações e os seus dividendos: *(...) os barbaros ficavam aterrados comigo, e ninguém mais se opunha, por estarem convencidos de que combatiam contra um deus. E assim eu dominei-os mais facilmente*<sup>135</sup>.

Muitos vêem nos intentos de Alexandre Magno, face ao resultado historicamente alcancado (a fragmentação do imperio em multiplos reinos, após lutas intestinas pela sua posse), uma pura utopia. Preferimos, antes, ver na sua progressao militar desde a Macedônia até ao Indo, passando pela Ásia Menor, Egipto e Mesopotâmia, uma caminhada para a construção e definição de uma nova identidade politica e cultural no final do séc. IV a. C., de que a noção de fraternidade é uma componente de primeira grandeza.

## Notas

<sup>1</sup> Pierre Lévêque, por exemplo, considera-o, em termos militares, «le plus génial des organisateurs» (Pierre Lévêque, *L'aventure grecque*, Paris, Armand Colin, 1964, p. 345).

<sup>2</sup> Para Richard Frye é mesmo «o mais importante acontecimento da história do Próximo Oriente» (Richard Frye, *A herança persa*, Lisboa, Editora Arcádia, s.d., p. 175).

<sup>3</sup> John Ferguson, *A herança do Helenismo*, Lisboa, Editorial Verbo, 1973, p. 9. Cf. R. Frye, *Ob. Cit.*, p. 175 e C. Mossé e A. Schnapp-Gourbeillon, *Síntese de história grega*, Porto, Edições Asa, 1994, p. 411. Como diz Pierre Lévêque, o reinado de Alexandre «changera la face de l'Hellade et du monde oriental» (P. Lévêque, *Ob.Cit.*, p. 339).

<sup>4</sup> C. Mossé, A. Schnapp-Gourbeillon, *Ob.Cit.*, pp. 7, 8. Demóstenes (383-322 a. C.), político ateniense e ardente patriota, orador por excelência, foi um dos principais opositores ao domínio da Grécia pelos Macedônios («os bárbaros do Norte», como lhes chamava), nomeadamente por Filipe II, contra o qual pronunciou quatro *Filípicas*. Simboliza a oposição antimacedónica, a defesa dos tradicionais ideais democráticos da pólis, considerando a monarquia como sinónimo de tirania (Cf. Pierre Jouguet, *l'imperialisme macedonien et l'hellenisation de l'Orient*, Paris, Editions Albin Michel, 1972, p. 79). Naturalmente, combateu a sua perda de independência face aos Macedônios (uniu Atenas e Tebas para a Batalha de Queroneia, em 338 a. C.) e a sua dissolução na vastidão do grande império de Alexandre (mesmo em 323 a. C., após a morte de Alexandre, continuou a falar em libertação e a exortar aos Gregos a lutarem pela sua independência, defendendo a democracia ateniense como único baluarte da liberdade). Durante o período helenístico, era um dos oradores que os alunos de Retórica tinham de imitar como modelo (Cf. Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica. 1 Volume – Cultura Grega*, 7ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 528). Um outro orador ateniense, contemporâneo de Demóstenes, Esquines, aderira à causa de Filipe II e dos Macedônios, fazendo parte do partido pró-monárquico, a que também pertencia Isócrates. Este último, no seu discurso *Filipe*, evadido de pan-helenismo antipersa, considera o rei da Macedónia defensor do helenismo, a grande esperança de salvação da Hélade, o único capaz de, pelas suas qualidades, autoridade, poder e riqueza, alcançar a unidade, a concórdia (*homonoia*) helénica contra os Persas, convidando-o mesmo a proclamar-se chefe da Grécia (Cf. José Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos. Gênese e evolução de um conceito*, Coimbra, INIC, 1992, pp. 491, 500-502, 517 e ss.).

<sup>5</sup> Cf. André Bonnard, *Civilização Grega. III. De Eurípides a Alexandria*, Lisboa, Estudos Cor, 1972, p. 217.

<sup>6</sup> «Nunca começou uma batalha sem a ganhar, nunca cercou uma cidade sem a conquistar, nunca entrou num país sem o submeter ao seu domínio» (Carl Grimberg, *Historia Universal 3. Do apogeu da Grécia clássica à civilização helenística*, Mem Martins, Publicações Europa-América, s.d., p. 191).

<sup>7</sup> Cf. R. Frye, *Ob.Cit.*, p. 181. Anote-se, porém, que muitos Gregos viam em Alexandre o arquitirano, o verdadeiro inimigo da democracia (Cf. *Ibidem*, p. 181).

<sup>8</sup> Alexandre Magno figura no Corão. Além disso, em todos os países do Médio Oriente islamizado, tornou-se rapidamente uma figura mítica sob o nome de Ishkander, ao qual os contadores e escritores populares atribuem as mais fantásticas realizações, bem como qualidades guerreiras e humanas fora do comum (Cf. Pierre Briant, *De la Grèce à l'Orient. Alexandre le Grand*, Paris, Gallimard, 1987, p. 135). O livro bíblico de 1º Macabeus (escrito entre 135 e 63 a. C.) refere-se-lhe também da seguinte forma: «Aconteceu que, depois de se ter apoderado da Grécia, Alexandre, filho de Filipe da Macedônia, oriundo da terra de Kitim [Chipre e/ou Macedónia], derrotou também Dario, rei dos persas e dos medos, e reinou em seu lugar. Empreendeu inúmeras guerras, apoderou-se de muitas cidades e matou vários reis da terra. Atravessou-a até aos seus confins, apoderou-se das riquezas de vários povos e a terra rendeu-se».

*-lhe. Tornou-se orgulhoso e o seu coração ensoberbeceu-se. Reuniu poderosos exercitos, submeteu ao seu imperio regioes e os reis pagaram-lhe tributo. Finalmente, adoeceu e viu que a morte se aproximava. Convocou, entao, os seus oficiais, os nobres da sua corte, que com ele se tinham criado desde a sua juventude, e ainda em vida, dividiu o imperio entre eles. Alexandre reinara doze anos, e morreu. Em seu lugar, entraram a reinar os seus generais, os quais, depois da sua morte, cingiram o diadema, e, depois deles, os seus filhos durante muitos anos; e multiplicaram-se os males sobre a terra.-* (1º Macabeus, I, 1-10).

<sup>9</sup> Cf. C. Mosse e A. Schnapp-Gourbeillon, *Ob.Cit.*, pp. 410, 411.

<sup>10</sup> Dos biógrafos coevos, há a destacar **Ptolomeu** (o futuro senhor do Egipto e fundador da dinastia Lagida, cuja historia das campanhas de Alexandre, de que foi testemunha presencial e, nalguns casos, protagonista, foi composta já em idade avançada, quando já era rei do Egipto), **Calistenes** (370-327 a. C.; sobrinho - sem se saber, porém, em que grau - de Aristóteles, tutor de Alexandre na meninice e cronista oficial das expedições de Alexandre, até ao momento em que se incompatibilizaram), **Nearco** (comandante da frota de Alexandre no Indico, que escreveu um *Periplo*, em 312 a. C., mais tarde aproveitado por Arriano, Quinto Curcio e Estrabão), **Anaximenes**, **Onesicrito**, **Policleta**, **Marsyas** e **Aristóbulo**, todos, portanto, companheiros de Alexandre. As *Efemerides Reais*, diário da campanha, sob a supervisão de **Eumenes de Cardia** e **Diódoto de Eritras**, foram também compostos por protagonistas da própria expedição. Também do séc. IV a. C., o historiador grego **Clitarco** escreveu um relato, *Sobre Alexandre (Peri Alexandrou)*, concluído em Alexandria, sob o reinado de Ptolomeu I Soter (no qual se viriam a inspirar Diodoro e Quinto Cúrcio). Do séc. I da nossa era são de enumerar **Quinto Cúrcio Rufo** (*Historiae Alexandri Magni Macedonis*) e **Diodoro da Sicília** (*Bibliotheké*); dos seculos I-II, **Plutarco** (46-120 d.C.; *Vida de Alexandre*) e **Flávio Arriano Xenofonte** (95-175 d.C.; *Anabasis de Alexandre*). O primeiro escreveu em latim, enquanto os outros redigem as suas obras em grego. **Tito Livio** (*De Alexandris Magni fortuna aut virtute or. I et II*) e, no séc. III d.C., um certo **Justino** e o **Pseudo-Calistenes** (*Vida de Alexandre*) redigiram também obras em que integram episódios relativos a Alexandre Magno. Para muitos autores, Arriano e o melhor biógrafo de Alexandre Magno, mas também a *Historia de Alexandre* de Ptolomeu merece especial destaque. É preciso notar que alguns destes escritos sobre a aventura de Alexandre são posteriores, em pelo menos três seculos, aos acontecimentos narrados. São claramente *post eventum*, com uma clara percepção do desenrolar da vida, da mitologia e das criações de Alexandre. A lenda criada em torno da figura do conquistador depois da sua morte atravessa um pouco todos eles, de Diodoro ao Pseudo-Calistenes, passando por Arriano, Plutarco e Quinto Curcio. Não obstante a consulta de fontes coevas dos acontecimentos (documentos da chancelaria real ou relatos de companheiros do rei), tais narrações cedem lugar de destaque à mitologia criada em redor da singularidade da figura do grande conquistador (Cf. Pierre Briant, *Ob.Cit.*, pp. 38, 39 e Cf. C. Mossé e A. Schnapp-Gourbeillon, *Ob. Cit.*, p. 402).

<sup>11</sup> Como dizia Ulrich Willeken, « (...) um dos mais espinhosos problemas da historiografia universal o da exacta apreensão da personalidade de Alexandre. Ninguém poderá ser presunçoso bastante para se julgar na posse da verdadeira imagem do herói. Mas procurar aproximar-se dessa imagem - aí esta uma tarefa positivamente fascinante- (in Benoist-Méchin, *Alexandre Magno (356-323 antes de Cristo)*, Porto, Lello & Irmãos Editores, 1980, p. V).

<sup>12</sup> O «Batalhao Sagrado» tebano e completamente dizimado e os Atenienses perdem 1000 homens e veem 2000 serem feitos prisioneiros. «The battle of Chaeroneia (...) marks one of the decisive moments of greek history» (Charles Freeman, *Egypt, Greece and Rome. Civilizations of the Ancient Mediterranean*, Oxford, Oxford University Press, 1996, p. 257), ou, dito de outra forma, «A Batalha de Queroneia marca o fim de uma epoca» (Jean Hatzeld, *História da Grecia antiga*, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 1977, p. 250). Esta derrota dos Atenienses e

Tebanos representa, com efeito, a derrota do Estado Urbano, como organismo político, face ao Estado Rural e foi o prelúdio da dominação macedónica da Grécia, dum novo mundo que surgia e, se quisermos, da própria conquista da Pérsia. Foi na sua sequência que, em 337 a. C., a Confederação Helénica de Corinto concedeu os poderes hegemónicos a Filipe (*hegemon e strategos autokrator*) e, dois anos mais tarde, a Alexandre Magno. A cruzada pan-helénica contra os Persas, iniciada por Filipe e continuada por Alexandre, foi proclamada precisamente na cidade de Queroneia. A título de curiosidade, refira-se que o ensaísta grego e biógrafo de Alexandre, Plutarco, era natural de Queroneia.

<sup>13</sup> A morte de Filipe II é um mistério, pois não é possível determinar se se tratou de um assassinato político (levado a efeito pela instigação de Olimpiade e/ou Alexandre e de outros membros da nobreza macedónica) ou de uma vingança de Pausânias, membro da guarda pessoal do rei, por uma qualquer afronta pessoal (Cf. Aristóteles, *Política*, 1311 b e Plutarco, 10. Cf. também J. Hatzeld, *Ob.Cit.*, p. 252; Pedro Saez Fernández, «El ascenso y la unificación de Grecia» in *Alejandro Magno*, Cuadernos Historia 16, nº 31, Madrid, Informacion y Revistas S. A., 1985, p. 11).

<sup>14</sup> Foi Alexandre quem conduziu, em Aigai, uma das antigas capitais da Macedónia (onde eram tradicionalmente inumados os reis da dinastia argéada e os príncipes e princesas reais), as cerimónias funebres em honra de seu pai, o que, para os Macedónicos, era um indubitável símbolo de sucessão e continuidade dinástica (Cf. Diodoro da Sicília, XVII, 2, 1 e P. Briant, *Ob. Cit.*, p. 20, 166 e 167).

<sup>15</sup> Há autores que não advogam inteiramente a tese do sentimento nacional grego, por vingança, considerando que a ideia de uma cruzada contra a Pérsia não era muito popular no mundo helénico. Preferem ver os conflitos entre Filipe II e os Persas sob o prisma do perigo e do incómodo que a Pérsia desempenhava para a efectiva hegemonia macedónica e que, por isso, era preciso atalhar definitivamente (Cf. J. Hatzeld, *Ob.Cit.*, pp. 251, 252).

<sup>16</sup> Cf. P. Briant, *Ob.Cit.*, pp. 13, 15 e 23.

<sup>17</sup> Plutarco justifica esta sublevação generalizada da seguinte forma: «(...) herdou um reino cercado por todos os lados de grandes invejas, de odios terríveis e de perigos, e não só porque as nações bárbaras (...) não suportavam ser governadas senão por um rei autóctone, mas também porque Filipe (...) tinha simplesmente deixado todas as coisas, por inexperiência, num estado de desordem e confusão geral» (Plutarco, 3).

<sup>18</sup> Alexandre executa Amintas, sobrinho de Filipe, e Olimpiade elimina o recém-nascido filho de Cleópatra e de Filipe II.

<sup>19</sup> Cf. A.R. Burn, *As cidades rivais da Grécia. Das origens a conquista romana*, Lisboa, Editorial Verbo, 1972, pp. 121,122.

<sup>20</sup> Foram vendidos «trinta mil» (Cf. Plutarco, 11). Foi durante esta campanha que ocorreu o famoso episódio de Timocleia, a valorosa e aguerrida tebana que ousou enfrentar Alexandre («mulher de dignidade e de espírito não menos elevado, que não revelava o menor sinal de medo ou de espanto» - *Ibidem*, 12), sendo por este poupada, juntamente com seus filhos (Cf. *Ibidem*, 12).

<sup>21</sup> Cf. P. Lévêque, «Empire d'Alexandre et empires hellénistiques» in *Le concept d'empire*, Dir. Maurice Duverger, Paris, P.U.F., 1980, p. 106. Para Alexandre, como depois para os seus diádocos, a única legitimidade válida provinha da força das armas, da vitória militar (Cf. *Ibidem*, p. 119).

<sup>22</sup> As perdas do lado persa foram de 20.000 peões e 2.500 cavaleiros, enquanto do lado macedónico apenas se registaram 34 baixas (9 infantes e 25 cavaleiros) - Cf. Plutarco, 16.

<sup>23</sup> Relatos lendários referem 100.000 mortos do lado persa, para apenas 500 Macedónicos. Trata-se seguramente de uma desproporção exagerada, mas sugere a magnitude da vitória macedónica (Cf. Charles Freeman, *Ob. Cit.*, p. 264). Na sequência da fuga de Dario III após Isso, Alexandre ficou com a mulher deste, Estatira (considerada a «mais bela de todas as Rainhas» - Plutarco, 21), três de suas filhas, sua mãe, Sisigambis, o seu filho herdeiro e seu harém como

refens ... preciosos refens acrescenta-se E por esta ocasião que, face à beleza das orientais, delicadamente afirmou que *as mulheres persas eram um tormento para os olhos*- (*Ibidem*, 21). No entanto, teve um respeitoso tratamento para com todas as cativas, facto que, segundo os seus biografos, o próprio Dario III elogiaria, considerando que Alexandre era o único mortal digno de lhe tomar o poder (Cf. Arriano, IV, 19, 20, pp. 52, 53 e Cf. Plutarco, 21). Com Dario III foram também arrastados em fuga as suas tropas fiéis e a fina flor da nobreza persa: Nabarzano, Atropates da Média, Autofradates da Tapúria, Fratafernes da Hircânia e da Partia, Satibarzano da Ária, Barsaentes da Aracósia e da Drangiana, Besso da Bactriana e 3000 outros cavaleiros (Cf. Benoist-Méchin, *Ob. Cit.*, p. 44).

<sup>24</sup> Sabemos a data exacta do combate na meseta de Gaugamela (Tell Gomel, a cerca de 35 km ao noroeste de Mosul, perto de Ninive) porque as fontes dizem-nos que 11 dias antes (noite de 20 para 21 de Setembro de 331 a. C.) teve lugar um eclipse lunar (Plutarco, 31; Arriano, III, 7, p. 273; Quinto Curcio Rufo, IV, 7, pp. 185, 186).

<sup>25</sup> E, na sequência da fuga de Dario III para Ecbatana, depois de Gaugamela, que Alexandre e proclamado rei da Ásia, protector da religião e das tradições indígenas. Depois do assassinato de Dario III pelo satrapa da Bactriana Besso, em 330 a. C., proclamou-se sucessor dos Aquemenidas. Os que o não reconhecessem como tal eram automaticamente considerados rebeldes. Daí que muitos notáveis persas se lhe tivessem associado (Cf. R. Frye, *Ob. Cit.*, p. 178).

<sup>26</sup> Uma muralha móvel de que cada elefante era uma torre- (Cf. Benoist-Méchin, *Ob. Cit.*, p. 99). Os soldados de infantaria e a eficácia da cavalaria ficaram um pouco manietados pela presença dos paquidermes, mas estes, por sua vez, entravaram e reduziram a mobilidade táctica do exército indiano. Em consequência, 20.000 indianos foram mortos, incluindo, entre eles, o segundo filho do rei Poro, o rei septuagenário, detentor das terras entre o Hidaspes e o Acesines, que, depois, se tornaria um fiel aliado de Alexandre, viu ainda mortos todos os seus comandantes de cavalaria e de infantaria, os seus condutores de carros e os *naires*, os condutores de elefantes (Cf. Arriano, V, 6-19 e Quinto Curcio VIII 13). E na sequência da Batalha de Hidaspes que Alexandre funda as cidades de Bucefalia (em memória do seu cavalo Bucefalo, morto em combate) e de Niceia, em evocação do triunfo (Cf. Benoist-Méchin, *Ob. Cit.*, pp. 100-101). A campanha da Índia (327-325 a. C.), o *país dos cinco rios*- (as regiões que rodeavam o Indo), fora encetada para atingir as extremidades sul e este do mundo habitado com um objectivo de dominação mundial. Alexandre considerava que ao atingir o Oceano onde o Ganges desaguava chegava ao fim da Ásia e do mundo. Tratava-se, assim, de descobrir um mundo novo, um mundo desconhecido. Para exaltar as vitórias de Alexandre na Índia, os seus sucessores representaram-no frequentemente, por exemplo, em moedas coroadas com as presas de um elefante (Cf. P. Briant, *Ob. Cit.*, p. 104). Antes de deixar as margens do Hifaso, Alexandre Magno erigiu 12 grandes altares aos 12 grandes deuses olímpicos, em forma de torres, para assinalar o ponto mais distante onde haviam chegado as forças europeias e para agradecer aos deuses a protecção que haviam manifestado e que havia permitido o seu avanço até tão longínquo local.

<sup>27</sup> -Nunca até então semelhante catástrofe se abatera sobre uma cidade grega- (C. Grimberg, *Ob. Cit.*, p. 168). -O saque de Tebas foi sentido pelo conjunto dos Gregos como um crime abominável, um atentado contra a sua civilização- (A. Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 183).

<sup>28</sup> A expedição contava apenas com 160 trieras: -l'infériorité de sa flotte était sans doute le plus grand danger qui menaçait Alexandre- (Cf. P. Jouguet, *Ob. Cit.*, p. 90).

<sup>29</sup> Cf. C. Freeman, *Ob. Cit.*, p. 262. O termo *persia* e, por vezes, muito ambíguo e gerador de múltiplas interpretações. Serve, com frequência, para designar o que hoje chamamos Iraque, mas é também usado para designar a própria região que deu o seu nome ao Iraque antigo, isto é, a província da Pérsia, outrora designada por Pérsida (Cf. Clarisse Herrenschildt, -L'empire perse achéménide- in *Le concept d'empire*, pp. 98, nota 17).

<sup>40</sup> A cidade de Efeso, a mais rica e celebre das cidades da Asia Menor, tinha muitos pontos de contacto entre as civilizações grega e persa. Relembremos a lendária relação entre o nascimento de Alexandre e o incêndio no templo de Artemis em Efeso (Cf. P. Briant, *Ob. Cit.*, p. 44).

<sup>41</sup> A resistência de Mileto respondeu Alexandre com uma desenfreada chacina dos seus soldados pelas ruas da cidade.

<sup>42</sup> Halicarnasso ofereceu uma tenaz resistência, organizada por Mémnon de Rodes, um dos maiores opositores iniciais de Alexandre, a quem Dario III confiara o comando supremo do Ocidente que viria a morrer às portas de Mitilene. A cidade seria, porém, arrasada e a sua população chacinada ou transferida.

<sup>43</sup> Em diversas das cidades libertadas- pelo rei macedónico dos tributos pagos à Pérsia (ex.: Efeso, Priene, Mileto, Mégara, etc.) assistiu-se à implantação de regimes democráticos em substituição dos tiranos representantes do Grande Rei dos Persas. Os Gregos respiravam de novo o ar da liberdade helenica (Cf. C. Mossé, A. Schnapp-Gourbeillon, *Ob. Cit.*, p. 404; R. Frye, *Ob. Cit.*, p. 181 e C. Grimberg, *Ob. Cit.*, p. 170). Muitas cidades celebraram a liberdade readquirida cunhando moeda de bronze própria (Cf. J. M. Cook, *Os Gregos. Na Jónia e no Oriente*, Lisboa, Editorial Verbo, 1972, p. 172).

<sup>44</sup> As cidades fenicias haviam prosperado sob o domínio persa que lhes tinha permitido uma autêntica autonomia (Cf. P. Jouguet, *Ob. Cit.*, p. 39). Na Fenícia, Alexandre Magno conquista as cidades de Biblos, Sidon e Tiro. A importante cidade independente de Tiro era, na época, o principal centro comercial do mundo mediterrânico e detinha uma importância capital como ponto de apoio da frota persa. A sua capitulação perante Alexandre, um dos seus maiores êxitos militares, representou o fim do poder do império persa no Mediterrâneo. Foi preciso um cerco de 7 meses (Jan.-Ago. de 332 a. C.) para que a grande metrópole abdicasse da sua atitude de neutralidade e se rendesse. 8.000 tirios foram mortos e 30.000 capturados e vendidos como escravos. A cidade nunca mais recuperaria a sua antiga glória.

<sup>45</sup> Na Palestina, a mais importante cidade, Gaza, teve no eunuco negro Batis, governador ao serviço de Dario III, o responsável pela resistência ao invasor macedónio. Após 2 meses de ferreo cerco, a cidade foi conquistada, os homens chacinados e as mulheres e crianças vendidas como escravas. Como Tiro, Gaza tornou-se uma praça forte macedónica (Cf. A. Bonnard, *Ob. Cit.*, pp. 188, 189).

<sup>46</sup> Em vários lugares, o rei macedónico restaura antigos santuários, consagra outros novos, inaugura jogos, conduz procissões e restitui a muitos tradicionais privilégios entretanto perdidos (Cf. *Ibidem*, p. 184).

<sup>47</sup> O Egipto, que se considerava uma nação oprimida pelos Persas desde a ocupação em 525 a. C., por Cambises, não ofereceu qualquer resistência à entrada de Alexandre, que foi recebido como um salvador, um libertador. Foi com alegria e alívio que os Egipcios saudaram os Macedónios. O satrapa (em persa, -protector do poder-) Mazakés, estacionado no Egipto, a exemplo dos seus pares responsável pelas tropas provinciais permanentes e de numerosas cidadelas e guarnições, cedeu, sem luta, a Alexandre um tesouro de 800 talentos (Cf. P. Briant, *Ob. Cit.*, p. 27, 29 e R. Frye, *Ob. Cit.*, p. 151).

<sup>48</sup> Alexandre fundou cerca de 70 cidades. Muitas receberam também o nome de Alexandria, mas a do Egipto, *Alexandria ad Aegyptum*, a mais célebre de todas, foi a única que sobreviveu e cresceu. Há, porém, quem considere um exagero o número de 70 cidades e considere apenas 34 ou 35, 16 ou 17 delas com o nome de Alexandria. (Cf. A. Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 192 e C. M. Bowra, *Grécia Classica*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1965, p. 168; J. M. Cook, *Ob. Cit.*, p. 161 e M. de Durand, *Ob. Cit.*, p. 180). A primeira a ser fundada foi a de Issos, junto da actual Iskenderum, logo após a Batalha de Issos. A do Egipto, gizada pelo arquitecto Dinócrates de Rodes, na área da antiga localidade de Rakotis, com um plano de ruas ortogonais, como quase todas as cidades gregas, com o mar como principal elemento da paisagem, quase de imediato tomou o lugar de Tiro

como maior centro comercial da região, embora estivesse também dotada de importante papel estratégico, sob o ponto de vista militar. Quando Alexandre morreu, cerca de 9 anos depois de ter ordenado a fundação da cidade, esta ainda mal começara a surgir do solo. Seria Ptolomeu I Soter quem presidiria ao seu crescimento e lhe conferiria o seu estilo. Com o passar do tempo, a cidade tornou-se a primeira cidade cosmopolita, internacional, atraindo Gregos e Persas, Macedônios e Judeus, Indianos e Africanos, Sírios e Anatólios, Mesopotâmicos e Gauleses, a -desnorteante variedade de raças e culturas- típica do período helenístico pós-Alexandre (Cf. M. H. Rocha Pereira, *Ob. Cit.*, p. 522). Capital dos Ptolomeus e do Egípto Greco-Romano, viria a tornar-se, nos séculos I e II, a capital económica, industrial e cultural do mundo helenístico civilizado, substituindo Atenas como centro de irradiação do helenismo. O lendário farol de Alexandria - uma das sete maravilhas do Mundo, construída, em 280 a. C., por Sóstrato de Cnido, durante os reinados de Ptolomeu I Soter (305-283 a. C.) e de Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a. C.) - era um símbolo da luz cultural emanada da cidade. Acerca da fundação da cidade de Alexandria do Egípto, o relato de Plutarco diz-nos que: 1) o local de fundação da cidade surgiu a Alexandre -quando a noite dormindo, teve uma visão maravilhosa- sugerida pelo próprio Homero (Plutarco, 26); 2) a marcação do traçado da cidade (feita com farinha) foi acompanhada de um presságio: *subitamente, vem do rio [Nilo] e do lago [Mareotis] inúmeras aves, de toda a espécie e grandeza, que descem sobre o local, como nuvens, e não deixam nem rasto da farinha* (*Ibidem*, 26). Alexandre Magno ficou perturbado com o presságio, mas os adivinhos tranquilizaram-no, fazendo uma interpretação favorável: a cidade a fundar naquele local asseguraria -abundância- e alimentaria *habitantes vindos de todos os países do mundo*- (*Ibidem*, 26). Trata-se dos traços de providência e presságio que em quase todos os biógrafos antigos são associados ao carácter e comportamento de Alexandre Magno.

<sup>89</sup> *Ibidem*, 24.

<sup>90</sup> *Ibidem*, 27. Siuah era um conhecido centro religioso no mundo mediterrânico do séc. IV a. C. e a consulta oracular (que tinha provavelmente lugar no templo de Aghurmi, localizado a 4 km de Siuah), datada da XXVI dinastia faraónica, era bastante conceituada.

<sup>91</sup> Cf. P. Levêque, *Ob. Cit.*, p. 339. Luciano (120-190), conferencista itinerante e prosador, -barbaro- de língua e nascimento (Samosatos, Síria Comagena, no Alto Eufrates), considerado um dos mais perfeitos e conhecedores e estilistas da literatura helenica, da-nos conta, nos *Dialogos dos Mortos*, da concepção que a posteridade tinha de todos estes vectores místicos na vida e na actuação de Alexandre Magno. No Dialogo XIII (entre Diógenes e Alexandre), um vez falecido e chegado ao Mundo dos Mortos, Alexandre encontra o filósofo cínico Diógenes, que muito apreciava, que, surpreendido com a presença do rei da Macedónia naquele lugar, lhe diz: *Que é isso, o Alexandre? Também tu morreste como nos todos (...). Então, Amon mentiu, quando disse que eras filho dele e tu eras portanto filho de Filipe?* (Luciano, *Dialogos dos Mortos*, Coimbra, INIC, 1989, p. 55). Diógenes/ Luciano questionava, assim, a pretensa divindade e inerente imortalidade de Alexandre, ao que este, reconhecendo a importância que os elementos místicos haviam desempenhado na sua vida, nomeadamente os instigados por sua mãe, Olímpide, responde: *Também eu ouvi o mesmo que tu, mas agora vejo que não havia nada de verdade naquilo que minha mãe e os profetas de Amon diziam*- (*Ibidem*, XIII, p. 55). A mesma ideia é glosada no Dialogo XIV, entre Filipe e Alexandre. O pai diz explicitamente ao filho: *Agora, o Alexandre, não poderás negar que és meu filho, porque não terias morrido, se fosses filho de Amon*- (*Ibidem*, XIV, p. 58). Alexandre responde elucidativamente ao pai: *E eu também não ignorava, meu pai, que sou filho de Filipe, filho de Amintas, mas aceitei o oráculo, convencido de que era útil aos meus negócios*- (*Ibidem*, XIV, p. 58). Também o Dialogo XII, entre Alexandre, Aníbal, Mínos e Cipião, confirma o destaque conferido pela Antiguidade, pelo menos neste caso por Luciano, ao parâmetro místico na vida e obra do grande conquistador. Aníbal, o general cartaginês, argumentando, em debate com Alexandre, as suas grandes conquistas militares e

os motivos que faziam dele o «melhor general» da Antiguidade, menciona que fizera tudo *sem me chamar filho de Amon nem me fingir deus, nem descrevendo os sonhos de minha mãe* (*Ibidem*, XII, pp. 51, 52), acusando, desta forma, Alexandre Magno de se ter socorrido destes expedientes para conseguir concretizar as suas proezas guerreiras. Estes *Dialogos* de Luciano são importantes relatos na medida em que nos testemunham o conjunto de traços da personalidade e da vida de Alexandre Magno que os seus contemporâneos e vindouros consideraram dignos de registo e que, agora, se rebatiam, dessacralizavam e desmistificavam de forma exemplar e, talvez, definitiva e radical: como mero mortal, Alexandre era colocado em pé de igualdade como todo e qualquer outro morto no mundo do Além.

<sup>42</sup> Daí que os Gregos o tenham assimilado ao seu principal deus, Zeus, na forma sincrética Zeus-Amon. Lembremos que já no séc. V a. C. Heródoto afirmara que *«Amon é o nome que os Egípcios dão a Zeus»* (Heródoto, II, 42). Uma das mais importantes deidades do vasto panteão egípcio desde o Império Médio, o deus Amon adquirira, no Império Novo, um carácter multinacional, transnacional, sendo adorado em muitos lugares fora do próprio Egipto (a sua glória difunde-se, por exemplo, até ao Eufrates e à Núbia).

<sup>43</sup> O sofista Anaxarco tratava-o directamente por *«filho de Zeus»* (Plutarco, 28). É preciso equacionar também que a tradição mitica esboçada em torno de Alexandre, que, designadamente, o relato do Pseudo-Calístenes fixou, tenta a todo o custo religá-lo magicamente, como filho, a Nectanebo II (o último faraó da XXX dinastia egípcia, autóctone, em egípcio Nakhthorheb: 360-343 a. C.), isto é, religá-lo às tradicionais dinastias egípcias (Cf. *Alexandre Le Grand*, Paris, Editions du Felin, 1993, pp. 42 e ss.)

<sup>44</sup> Cf. José das Candeias Sales, «A Religião Egípcia - 6. As divindades» in *Historia*, Ano XIV, nº 147, Dezembro de 1991, Lisboa, Publicações Projornal, 1991, pp. 34-45.

<sup>45</sup> As moedas com esta iconografia atestam, por um lado, a associação com Amon e, por outro, a obsessão de Alexandre com a sua própria divindade ou divinização, que mais tarde, já em plena Ásia Central, desenvolverá e praticará assumidamente, embora sob outros contornos e com outras motivações.

<sup>46</sup> *«Tinha o ar de um homem fortemente convencido da sua origem e filiação divinas»* (Plutarco, 27).

<sup>47</sup> Terceiro filho do rei Amintas III e de Eurídice – Alexandre II (o irmão mais velho) morreu após curto reinado; sucedeu-lhe Perdicas III (o segundo filho de Amintas III) –, Filipe II assumira o governo da Macedónia como regente, por proclamação do exército, em 359 a. C., após neutralizar o legítimo soberano Amintas IV, seu sobrinho (filho de Perdicas III), que era menor. Em 356, tomou o título de rei – no mesmo ano em que lhe nasceu Alexandre (Cf. C. Mossé e A. Schnapp-Gourheillon, *Ob. Cit.*, p. 403; Peter Levi, *Grécia – Berço do Ocidente*, Lisboa, Circulo de Leitores, 1991, p. 176 e Guy Rachet, *Dictionnaire de la civilisation grecque*, Paris, Larousse, 1995, p. 202). É sob o comando de Filipe II que a Macedónia começa a tomar lugar entre os mais importantes estados gregos, procedendo o rei à unificação de inúmeros pequenos principados em torno da capital Pela, reforçando assim a força da monarquia macedónica no contexto da Grécia. Foi Filipe II quem transformou a Macedónia num grande estado. Até então, a Macedónia nunca fizera parte da Grécia (Cf. P. Briant, *Ob. Cit.*, pp. 14,15 e H. D. Kitto, *Os Gregos*, 3ª ed., Coimbra, Arménio Amado Editora, 1990, p. 257). Sobre os limites geográficos da Macedónia no início e no fim do reinado de Filipe II, Cf. H.G. Wells, *Historia Universal*, Vol. I, *Dos começos da vida na Terra até ao fim do Império de Alexandre Magno*, Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s.d., p. 347, e Antonio Caballos Rufino, «La gran aventura oriental» in *Alejandro Magno*, p. 16. Filipe II foi o maior homem de estado e general do seu tempo. Foi o fundador do poderio militar macedónico que seu filho iria usar para conquistar e helenizar o Médio Oriente.

<sup>48</sup> Olimpíade era, portanto, neta de Alquetas, rei da Molosia, pai de Neoptólemo (filho mais velho) e de Arribas (filho mais novo) que, até à morte de Neoptólemo, em 340 a. C., governaram

juntos. Era, pois, neta, sobrinha e filha de reis. Com Filipe, Olimpiade teve também uma filha, Cleopatra, que mais tarde se tornou rainha do Epiro (Cf. Diodoro, *Historical Library*, 16.91.4 e P. Levi, *Ob. Cit.*, pp. 173, 176). Mitologicamente, Olimpiade reclamava-se descendente de Pirro, filho de Aquiles (Cf. P. Levêque, *Ob. Cit.*, p. 339).

<sup>40</sup> Expressão usada por Pierre Jouguet para caracterizar a imagem extremamente negativa que nos chegou da mãe de Alexandre (P. Jouguet, *Ob. Cit.*, p. 17).

<sup>41</sup> Plutarco, 3.

<sup>42</sup> *Ibidem*, 3.

<sup>43</sup> Diz Plutarco que, depois de visitar o oráculo de Amon, em Siuah, no Egípto, em 332 a. C., e de ter ouvido o oráculo pronunciado pelo Primeiro Profeta de Amon, «o próprio Alexandre, numa carta a sua mãe, acrescenta ter obtido do oráculo alguns vaticínios secretos, que no regresso lhe comunicara so a ela» (*Ibidem*, 27).

<sup>44</sup> Como diz Plutarco, «pelo lado paterno (...) era um Heráclida (...) e descendia de Eaco (...) pelo lado materno» (*Ibidem*, 2). Da união de Eaco com Endeis nasceu Peleu que, por sua vez, se uniu a Tetis e engendrou Aquiles. A Aquiles seguiu-se Neoptólemo, também chamado Pirro. Pausânias afirma que Alexandre era, de facto, «epirote e eacida pelo lado materno» (Pausânias, *Descrição da Grécia*, 1.9.8).

<sup>45</sup> P. Levêque, *Ob. Cit.*, p. 339.

<sup>46</sup> Plutarco, 8.

<sup>47</sup> Aquando da destruição de Tebas, em 335 a. C., a família do poeta Píndaro, que Alexandre tanto admirava, foi das poucas a ser poupada (Cf. *Ibidem*, 11; Cf. Dennis Wepman, *Alexandre, o Grande*, São Paulo, Nova Cultural, 1988, p. 35).

<sup>48</sup> Diz Plutarco que «o seu amor ardente e paixão pela filosofia eram inatos» (Plutarco, *Ob. Cit.*, 8).

<sup>49</sup> *Ibidem*, 8. Cf. M. H. Rocha Perreira, *Ob. Cit.*, pp. 150, 151. «Alexandre amava a *Iliada* até à loucura» (A. Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 202).

<sup>50</sup> Plutarco, 8.

<sup>51</sup> *Ibidem*, 8. Segundo André Bonnard, foi com Aristoteles que Alexandre aprendeu a amar a *Iliada* (Cf. A. Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 152). Como diz Luís de Camões, confirmando a fama da admiração de Alexandre pelos poemas homéricos: «Lia Alexandre a Homero de maneira/ Que sempre se lhe sabe a cabeceira» (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, V, 96, 7-8).

<sup>52</sup> Da associação de Alexandre a Herácles e extremamente significativa uma cabeça (em mármore?), com 24 cm de altura, datada do séc. IV a. C., criada ainda durante a vida do rei macedónico, intitulada «Alexandre Herácles» (peça nº 52.1741 do Museum of Fine Arts de Boston) que, como o próprio nome sugere, representa Alexandre a maneira do herói dórico Herácles. Em moedas, a sua imagem aparece com a pele do leão de Herácles, proclamando, assim, a sua relação com o herói mítico e a sua invulnerabilidade. Como se sabe, de acordo com o ciclo dos Doze Trabalhos de Herácles, no primeiro desses Trabalhos, o herói estrangulou e esfolou o leão que devastava o vale de Nemeia, tendo feito da sua pele uma veste que o tornou, a partir de então, invulnerável (Cf. J. Ferguson, *Ob. Cit.*, p. 157 e Georges Hacquard, *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, Porto, Edições Asa, 1996, p. 149). Não surpreende que Alexandre, cívico de patriotismo helenico, tivesse também Aquiles em elevada estima e que, uma vez chegado a Ilion, após atravessar o Helesponto, tivesse honrado a memória dos heróis gregos com libações (os heróis da guerra de Troia eram os seus modelos), ungido o túmulo de Aquiles, depositado nele uma coroa e corrido ritualmente, nu, em seu redor, na companhia dos seus homens de armas (Cf. Arriano, 15). Aquiles era o seu herói e os gestos simbólicos que realizou religavam-no magicamente ao herói da Guerra de Troia. A passagem do Helesponto ficaria assinalada por outros importantes sacrifícios realizados por Alexandre, a saber: a) Sacrifício no túmulo de Protesilao, o primeiro herói grego a desembarcar na Ásia aquando da expedição de Agamemnon

contra Troia; b) Degola de um touro em honra de Poseidon; c) Libação deitada ao mar, com um copo de prata, em honra das Nereidas; d) Levantamento de altares em honra de Zeus protector dos que chegam a novas terras, de Atena e de Heracles (do lado da Europa; local de partida; e do lado da Asia; local de desembarque); e) Sacrificio solene em honra da deusa Palas Atena, oferecendo ao templo a sua armadura completa e tomando as dedicadas à deusa desde a época da Guerra de Troia; f) Sacrificio de desagravo a Priamo - morto por Neoptólemo, antepassado mitico de Alexandre, por via materna - com o objectivo de lhe aplacar a ira contra a linhagem de Neoptólemo, isto é, contra si proprio (Cf. Arriano, I, II, pp. 149, 150).

<sup>62</sup> Tal como Aquiles tinha Patroclo como grande companheiro de armas e amigo - confidente de todos os seus segredos e que era o mais querido dos seus amigos- (Cf. P. Briant, *Ob. Cit.*, p. 38) - Alexandre tinha em Hefestion (c. 356-324 a. C.), seu general, o seu grande amigo, a quem apelidava de seu Patroclo (Cf. Arriano, VII, 16, 8, p. 231. Cf. também *Ibidem*, I, 12, I, p. 151). Hefestion era dos grandes amigos de Alexandre um dos poucos que aprovava os novos hábitos e actos do rei na Persia, designadamente o luxo e a superioridade que ostentava (Cf. Plutarco, 47). Quando Hefestion adoeceu e morreu em Ecbatana, Alexandre, entre outras medidas, em sinal de luto, mandou cortar as crinas de todos os cavalos e machos, retirar as ameias em todas as cidades dos arredores, proibir toda a musica dentro do acampamento durante longo tempo (Cf. *Ibidem*, 72). Em *Homenagem funebre a Hefestion*, Alexandre subjugou os Cosseus e *deglou-os todos, começando pelos mais jovens*- (*Ibidem*, 72).

<sup>63</sup> C. Freeman, *Ob. Cit.*, p. 258.

<sup>64</sup> Pseudo Calstenes, I, 34. Pierre Leveque, por seu turno, afirma também explicitamente que *il coiffe la double couronne a Memphis*- (P. Levêque, *Ob. Cit.*, p. 343).

<sup>65</sup> Cf. Jose das Candeias Sales, *Mênfis, a cidade do "Muro Branco": centro politico-teologico do Egipto antigo*- in *A Cidade - Jornadas Inter e pluridisciplinares, Actas I*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993, p. 35. Coube ao faraó Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a. C.) trasladar o corpo de Alexandre para o cemiterio de Sema, situado na intersecção das duas principais ruas de Alexandria (Cf. Estrabao, 17, 18). O projecto inicial de Perdicas era que o corpo de Alexandre fosse inumado na necropole real macedonica de Aigai.

<sup>66</sup> Cf. Arthur Weigall, *Alexandre Le Grand*, Paris, Payot, s.d., p. 264.

<sup>67</sup> Sobre a titulatura dos faraós egipcios Cf. José das Candeias Sales, *A ideologia real académica e egipcia - representacoes do poder politico pre-classico*, Lisboa, Editorial Estampa, 1997, pp. 193-204.

<sup>68</sup> Cf. A. Weigall, *Ob. Cit.*, pp. 264, 265 e J. C. Sales, *Ob. Cit.*, pp. 193-196.

<sup>69</sup> A coroa composita que reunia as antigas coroas branca do Alto Egipto (*hedjet*) e a vermelha do Baixo Egipto (*decheret*)

<sup>70</sup> A coroa *kheprech*, coroa azul, por vezes erradamente designada *coroa de guerra*, era um simbolo de poder usado no Egipto antigo exclusivamente pelo faraó.

<sup>71</sup> No templo de Luesor, o santuario de Amenhotep III foi modificado para se tornar uma capela em cujas paredes Alexandre é representado como faraó, rendendo homenagem ao deus itifalico Amon (Cf. P. Briant, *Ob. Cit.*, pp. 58, 59)

<sup>72</sup> Cf. A. Weigall, *Ob. Cit.*, p. 265.

<sup>73</sup> A Augusto Tavares considera a força e a perseverança desta ideia da filiação divina como uma das razoes determinantes da história egipcia (Cf. A. Augusto Tavares, *Imperios e propaganda na Antiguidade*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, p. 53).

<sup>74</sup> Plutarco, 28.

<sup>75</sup> C. Freeman, *Ob. Cit.*, p. 265 e Cf. J. Ferguson, *Ob. Cit.*, p. 157.

<sup>76</sup> Babilonia era uma das residências do Grande Rei, com os seus inumeros e antigos santuarios. Tal como no Egipto, Alexandre foi recebido na prestigiada cidade com pompa e circunstancia, o satrapa local, Mazee, veio ao seu encontro, acompanhado das autoridades civis e religiosas da cidade, e ofereceu-lhe as chaves da cidade, tendo o jovem conquistador penetrado

na velha capital dos soberanos babilonicos por entre gritos de alegria e ofertas de presentes. Como nao podia deixar de ser, sacrificou a principal divindade local, Bel-Marduk, o maior dos deuses babilonicos, para se fazer, a exemplo dos antigos soberanos babilonios, reconhecer como *rei das quatro regioes* (*šar kibrat arba'im*) (Cf. C. Grimberg, *Ob. Cit.*, p. 197; P. Lévêque, *Ob. Cit.*, p. 344 e J. C. Sales, *A ideologia real acadica e egipcia*, p. 125, nota 142; P. Briant, *Ob. Cit.*, pp. 64-66). Babilônia foi, alias, o primeiro local em que se esboçou o novo aspecto da sua politica, a saber, a nomeação de um governador persa: Mazee, o antigo satrapa de Dario III, é reconduzido por Alexandre no cargo de satrapa de Babilônia. Tambem Mithrenes, antigo chefe da guarnição de Sardes, é feito satrapa da Armenia (Cf. *Ibidem*, p. 60).

<sup>77</sup> Susa era para os Macedonios a capital aquemenida por excelência e, como capital do Elam e centro administrativo do Imperio Persa, era o local onde se encontrava um dos grandes tesouros do Imperio Persa. Susa rendeu-se nas mesmas condições de Babilônia: o filho do satrapa Abulites, Oxatres, apresenta-se a Alexandre e cumula-o de presentes, nomeadamente dromedarios e elefantes da India. Tambem Abulites manteria o governo da sua satrapia (Cf. P. Briant, *Ob. Cit.*, p. 66).

<sup>78</sup> Alexandre entra em Persepolis em Janeiro de 330 a. C. A cidade, a capital histórica aquemenida mais prestigiada, simbolo da figura real e do dominio da Persia sobre os outros povos do Imperio, acabou por ser destruida pelos soldados de Alexandre. O incêndio do grande palacio do Rei dos Reis em Persepolis (da Apadama, a celebre sala das cem colunas) e a destruição da cidade foram a vingança helenica pelo incêndio de Atenas, c. 150 anos antes, em 480 a. C., por Xerxes I (Cf. H.G. Wells, *Ob. Cit.*, p. 358). Alexandre cumpria assim o juramento solene feito em Corinto, antes do inicio da expedicao contra os Persas. As fumaças fumegantes da Apadama compensavam as ruínas do Erecteu- (Benoist-Méchin, *Ob. Cit.*, p. 15). Alguns autores inscrevem este acto incendiario de Alexandre entre os seus crimes contra a civilização. Ha, porem, quem considere (incluindo Plutarco) que o incendio de Persepolis foi um acto dionisiaco inspirado pela cortesa ateniense Tais (Cf. Plutarco, 38). Tambem em Persépolis, é nomeado um persa para satrapa e conservado Tiridates como tesoureiro (Cf. P. Briant, *Ob. Cit.*, p. 75).

<sup>79</sup> Situada a cerca de 40 km ao norte de Persepolis, Pasargada era uma antiga capital persa, construida por Ciro II, o Grande, depois da sua vitória sobre os Medos. Era em Pasargada, no templo dedicado a deusa Anahita (deusa das aguas e entronizadora da realeza) que decorria a cerimonia de entronização dos Grandes Reis (Cf. C. Herrenschildt, *L'empire perse achemenide* - *Ob. Cit.*, p. 88). Com o objectivo de convencer a nobreza a ligar-se-lhe e para demonstrar à população persa que agia em conformidade com as tradições reais aquemenidas, Alexandre intitulou-se *philokuros*, «amigo de Ciro», tendo visitado o tumulo de Ciro acompanhado apenas por Aristóbulo (Cf. *Ibidem*, p. 74. Cf. Arriano, VI, I-II, pp. 189-192).

<sup>80</sup> Segundo Plutarco, foram necessarios 10.000 pares de machos e 5.000 camelos para transportar estes tesouros (Cf. Plutarco, 37). Cf. C. Grimberg, *Ob. Cit.*, p. 178 e M. de Durand, *Ob. Cit.*, p. 173. C. de 1000 toneladas de ouro - 40.000 talentos. 1 talento: 27 kg de metal.

<sup>81</sup> Cf. J. M. Cook, *Ob. Cit.*, p. 160. Para se avaliar com propriedade a importância destes recursos economicos, refira-se que, na mesma epoca, no auge da sua prosperidade financeira, Atenas tinha um rendimento anual de 1200 talentos (Cf. M. de Durand, *Ob. Cit.*, p.173).

<sup>82</sup> Arriano, II, 14, p. 230. A tradução e o destaque são nossos.

<sup>83</sup> Plutarco, 34.

<sup>84</sup> Com cerca de 50 anos de idade, Dario III foi morto, em Julho de 330 a. C., em resultado de um *complot* de que faziam parte Besso (satrapa da Bactriana), Barsaentes (satrapa da Aracósia), Satibarzanes (satrapa da Aria) e Nabarzanes (o quiliarca persa). Alexandre sentiu profundamente esta morte: *compungido com este fim e tirando a sua propria clâmide, lançou-a sobre Dario e com ela envolveu o cadaver* (Plutarco, 43). Dispensou honras funebres ao antigo Grande Rei, como, alias, ja fizera com a esposa deste, falecida de parto aquando do seu aprisionamento (*Ibidem*, 30), e colocou-o no panteão real de Pasargada.

<sup>35</sup> As sarissas, variando de comprimento, segundo o lugar que o soldado ocupava na formação, tornavam o bloco de soldados praticamente impenetrável e indestrutível (Cf. P. Jouguet, *Ob.Cit.*, pp. 21, 22 e 36). Ao garantir uma certa invulnerabilidade às tropas, dispensava-as de carregarem com o armamento mais pesado, permitindo-lhes, assim, marchas mais rápidas e manobras mais fáceis (Cf. C. Freeman, *Ob.Cit.*, p. 253). Esquilo, na peça *Persas*, contrapõe frequentemente o arco e a lança como forma de distinguir a arte de combater dos Persas e dos Gregos. Os Persas lutavam de longe, os Gregos preferiam um tipo mais heróico de luta, corpo a corpo (Cf. Manuel de Oliveira Pulquério, *Esquilo. Persas*, Coimbra, INIC, 1992, p. 58). Ademais, o soberano persa é frequentemente representado em moedas como um arqueiro, símbolo da sua função guerreira (Cf. P. Briant, *Ob. Cit.*, p. 48).

<sup>36</sup> Em determinadas ocasiões, o exército de Alexandre chegou a cobrir 600 km em 10 dias (Cf. J. Ferguson, *Ob.Cit.*, p. 9). Quando na região do Indo os soldados europeus de Alexandre (Gregos e Macedônios) se recusaram a segui-lo tinham já percorrido, em 8 anos e meio de marcha, 18.000 km, i.e., perto de metade do perímetro da Terra (Cf. A. Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 197).

<sup>37</sup> A este propósito, diga-se que foi a falange que permitiu a Alexandre esmagar, com forças diminutas, o poderoso exército persa nas batalhas de Granico (entre 30.000-43.000 infantes e 4.000-5.000 cavaleiros), Isso e Gaugamela ou Arbela (Cf. Plutarco, 15; Arriano, I, II, pp. 147, 148). Ao atravessar o Helesponto, Alexandre pôde ainda contar com os 10.000 expedicionários enviados antes, em 336 a. C., por Filipe II (Cf. C. Freeman, *Ob. Cit.*, p. 261). As forças macedónico-gregas eram insignificantes quando comparadas com os contingentes e os recursos persas. Alexandre ao atacar o Império Persa desafiava uma força militar 50 vezes superior à sua, com 25 vezes mais habitantes (Cf. C. Grimberg, *Ob. Cit.*, pp. 168, 169 e A. Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 183). Do corpo expedicionário helenico, a Macedónia proporcionou cerca de 30.000 infantes e 6.000 cavaleiros e a Grécia 7.000 soldados de infantaria e 600 cavaleiros, além dos destacamentos balcânicos auxiliares.

<sup>38</sup> O território do Império Persa, do Helesponto à Índia e do Mar Aral às cataratas do Nilo, apresentava um clima e um traçado geográfico muito variado: de escaldantes desertos de calor abrasador, até zonas de terrível frio e neve, passando por extensas planícies, áreas pantanosas e zonas de montanhas escarpadas. No Inverno de 330-329 a. C., Alexandre percorreu as montanhas do actual Afeganistão, tendo, na Primavera de 329 a. C., realizado a façanha, não superada na Antiguidade, de atravessar o Hindu-Kush, que tem alturas de mais de 7000 metros (Cf. A. Caballos Rufino, *Ob.Cit.*, p. 21). No regresso do Indo, o grupo de Alexandre, que viajou por terra, teve de enfrentar um autêntico calvário no tórrido deserto da Gedrosia, no actual Baluquistão (Cf. Arriano, VI, 22 e ss.), com inúmeras baixas humanas (c. 90.000 homens nos 70 dias de marcha) e morte de animais de carga, à fome e à sede. Os soldados alimentaram-se de cavalos, burros e camelos abatidos (Cf. A. Bonnard, *Ob. Cit.*, pp. 168, 169, 185, 186). Com a astenia, os soldados arrastavam-se mais do que avançavam- (Benoist-Mechin, *Ob. Cit.*, p. 127), acabando por chegar a Susa num estado deplorável.

<sup>39</sup> Grosso modo, as batalhas de Alexandre seguiam a seguinte tática: Alexandre, à cabeça dos seus *heteras*, *cavaleiros*, formados em coluna cerrada à direita e com a cobertura da cavalaria e da infantaria ligeiras do extremo direito do exército, precipitava-se sobre o centro do inimigo. A ala direita da falange apoiava ou renovava o ataque na linha inimiga, enquanto a ala esquerda, que compreendia outra parte da falange, das tropas ligeiras e da cavalaria dos aliados, avançava mais lentamente para fixar a direita inimiga (Cf. P. Jouguet, *Ob. Cit.*, p. 26).

<sup>40</sup> A *asabara*, cavalaria, persa assumiu enorme importância com os Aqueménidas. Sobre a organização militar dos Persas, armas utilizadas, outro equipamento, táticas, tipos de remuneração, etc., vide R. Frye, *Ob. Cit.*, pp. 148-153.

<sup>41</sup> Cf. H. G. Wells, *Ob. Cit.*, pp. 346, 347, 357 e 358. A Batalha de Gaugamela é, de todas as batalhas travadas por Alexandre, a mais bem conhecida. Todos os autores antigos consagram

longas descrições as posições e movimentos dos dois exercitos. Exactamente sobre as posições, movimentos e manobras do exercito macedónio e do exercito persa nesta Batalha vide o anexo -Alexandre strategie: la Bataille de Gaugameles- in P. Briant. *Ob. Cit.*, pp. 160-165. Relembremos que Dario III reorganizara para a vasta planicie de Gaugamela, propicia aos movimentos da cavalaria, cerca de 1 milhão de homens (1.000.000 de infantas e 40.000 cavaleiros, entre os quais, os famosos cavaleiros bactrios e os cavaleiros couraçados citios vindos das estepes da Asia Central - Cf. A. Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 190), alem de 15 elefantes vindos da Índia e dos 200 carros de guerra munidos de foices nas rodas (Cf. Plutarco, 31). So em relação a Gaugamela, estamos a referir uma força cinco vezes superior a de Alexandre (Cf. C. Freeman, *Ob. Cit.*, p. 266). Não obstante, o aparato estatal-militar aqueménida mostrou-se insuficiente e ineficaz face à agressiva e audaz acção do exercito macedónico e, uma vez mais, o Grande Rei Persa teria de fugir, desta feita para Ecbatana, capital da Media.

<sup>92</sup> Cf. P. Jouguet, *Ob. Cit.*, p. 90 e R. Frye, *Ob. Cit.*, p. 176.

<sup>93</sup> Foram precisos três anos (330-327 a. C.) para vencer Besso, o falso Artaxerxes, e submeter o Irao até ao rio Iaxartes, ou seja, as regiões a leste do Mar Cáspio e ao Norte da Índia (hoje chamadas Turquemenistao, Uzbequistao e Cazaquistao e antigamente Margiana, Bactriana e Sogdiana). Mais do que com Dario III, seria, no fundo, com Besso que Alexandre acabaria por disputar efectivamente o dominio da Persia ou do Irao. O rei Artaxerxes- seria traído por Espitameno (o sogdiano com cuja filha casaria o general Seleuco), Datafernes, Catanes e Oxiartes. Alexandre castigá-lo-ia à maneira persa (nariz e orelhas cortadas), enviando-o depois para Ecbatana para ser Julgado pelo Supremo Tribunal Persa (que o condenaria e crucificaria).

<sup>94</sup> Neste particular, ha uma perfeita antítese em relação aos conselhos do mestre Aristoteles que o aconselhara a ser -o *hegemon (hegemonikós) para os Gregos, mas o despota (despotikós) para os Barbaros*-, ou seja, tratar os Gregos como amigos e seus iguais e os Bárbaros como plantas e animais. Aristoteles condenava a fusão de Bárbaros e de Gregos, pois considerava-os -por natureza- escravos e homens livres, respectivamente. Também Euripides, na sua *Ifigenia*, ao proclamar que o Bárbaro nasceu para a escravidão, como inculto que é, e o grego para a liberdade, pois participa da *polis* exprímia o mesmo sentimento, generalizado, aliás, a todos os seus contemporaneos (Cf. Benoist-Mechin, *Ob. Cit.*, p. 11). Alexandre, em oposição, apostou no favorecimento de todos os homens de merito e de boa fama, independentemente de serem Macedonios ou Gregos, Persas ou Indianos, acreditando na fusão dos dois mundos antigos, o barbaro e o grego (Cf. J. Ferguson, *Ob. Cit.*, p. 12 e A. Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 151).

<sup>95</sup> Cf. Plutarco, 15 e Arriano, IV, 8, 9. Os excessos de Alexandre sao frequentemente descritos pelos seus biógrafos da seguinte forma: *apoderou-se dele um desejo (póthos)*, pretendendo, assim, definir os impulsos violentos incontroláveis do rei. A titulo de curiosidade, registre-se que Clito salvara a vida a Alexandre, às mãos do satrapa Espitridates, durante a Batalha de Granico, em 334 a. C. (Cf. *Ibidem*, 16). Alexandre manifestaria mais tarde um profundo e sincero desespero e remorso pelo seu irreflectido acto (Cf. *Ibidem*, 52 e Cf. A. R. Burn, *Ob. Cit.*, p. 124). A exemplo de muitos outros episodios, também a morte de Clito foi antecedida de um sonho premonitorio de Alexandre em que *lhe pareceu ver Clito entre os filhos de Parménion, todos com vestes negras e mortos*- (Plutarco, 50).

<sup>96</sup> O relato de Quinto Curcio sobre este episodio e elucidativo: *(...) Alexandre (...) acalorado a causa del mucho vino ingerido, enalteciendose a si mesmo em demasia, comenzó a celebrar sus hazanas (...). (...) se jacto (...) de que la famosa victoria de Queronea habia sido obra suya y de que la gloria merecida por tan excelsa hazana le habia sido arrebatada por la malevolencia y la envidia de su padre (...). Los jovenes oian estas cosas y otras semejantes a estas con agrado, aunque a los de mas edad les resultaban desagradables, especialmente a causa de Filipo, a cuyas ordenes habian militado mas tiempo-* (Quinto Curcio, VIII, 1, 22-24, 27, pp. 413, 414).

<sup>97</sup> Plutarco, 50. Segundo Plutarco, o diferendo ocorrido no banquete derivava dos versos cantados contra os generais macedonios que recentemente haviam sido derrotados pelos Barbaros. Clito considerou tal atitude, aprovada com agrado por Alexandre, um insulto e uma vergonha para os Macedonios e reagiu (Cf. *Ibidem* 50).

<sup>98</sup> Antigone coubera a Filotas depois da derrota de Dario III na Cilicia e da captura dos tesouros de Damasco, em 333 a. C. (Cf. *Ibidem* 48).

<sup>99</sup> *Ibidem* 48.

<sup>100</sup> *Ibidem*, 48. Recorde-se que Filotas era o hiparco responsavel pelos regimentos de cavalaria.

<sup>101</sup> *Ibidem*, 49. Depois da execucao de Filotas, Alexandre Magno mandou imediatamente liquidar Parmenion, que se encontrava na Media, eventualmente implicado tambem na traiçao do filho (Cf. G. Racht, *Ob. Cit.*, p. 23).

<sup>102</sup> Vide nota 10. Não se sabe ao certo qual o grau de parentesco entre Calistenes e Aristóteles: para uns, ele e sobrinho, para outros esta apenas relacionado por casamento com o Estagirita (Cf. M. de Durand, *Ob. Cit.*, p. 170). Segundo parece, Aristoteles considerava Calistenes *homem de poderosa e nobre eloquencia, mas desprovido de senso comum* (Plutarco, 54). Quanto a sua morte nao ha certeza se foi por enforcamento ordenado por Alexandre ou por doenca na prisao, onde estava agrilhoadado por ordem do rei (Cf. Plutarco, 55). Apesar das opinioes de Aristoteles sobre o sobrinho, as suas relacoes com Alexandre esfriaram bastante por ocasio da condenacao do historiografo

<sup>103</sup> Plutarco, 55. Cf. Arriano, IV, 13-14. Cf. Quinto Curcio, VIII, 5, 13-24, pp. 137-140.

<sup>104</sup> Plutarco, 55.

<sup>105</sup> No Oriente antigo, Alexandre foi sempre retratado como um guerreiro persa, vestido à persa (Cf. D. Wepman, *Ob. Cit.*, p. 67). O turbante designava-se por *aitaris*, o manto por *khandus* e a tunica por *esthes* (Cf. P. Jouguet, *Ob. Cit.*, p. 88).

<sup>106</sup> Não ha duvida que as mudancas foram bem visiveis no comportamento de Alexandre: adopcao de vestes orientais, uso do diadema, aprendizagem do persa, utilizacao do mesmo selo de Dario para a correspondencia, homenagens e cerimoniais a persa, *proskynesis*, etc. No entanto, tentou, na medida do possivel, atenua-las, optando por rupturas moderadas: *nao adoptou a maneira de vestir dos Medos, que era inteiramente barbara e estranha, nao usando calças largas, nem tunica com mangas (...), mas utilizando um vestuario intermedio entre o dos Persas e o dos Medos, nao tao luxuoso como o dos primeiros, mas mais pomposo do que o dos segundos* (Plutarco, 45). Paulatinamente, porem, foi alargando as inovaçoes, ousando desafiar os proprios Macedonios: *Ao principio servia-se dele apenas nas suas relacoes com os barbaros, ou em casa, entre os companheiros, mas depois ja era visto assim no meio da multidao, quando saia, ou entao quando dava audiencia* (Ibidem, p. 45). Compreensivelmente, *o espectaculo era doloroso para os Macedonios* (Ibidem, p. 45). Como dizia Filipe a Alexandre no XIV *Dialogo dos Mortos*, de Luciano: *rejeitaste tambem a clamide macedonica e trocaste-a pelo manto persa, segundo contam, e colocaste a tiara ponteguda (na cabeça) e exigias que homens livres se prosternassem diante de ti, e coisa ridicula mais do que todas, imitavas os costumes dos vencidos* (Luciano, *Dialogos dos Mortos*, XIV, p. 59).

<sup>107</sup> Cf. P. Levéque, *Empire d'Alexandre et empires hellenistiques* - in *Ob. Cit.*, p. 107.

<sup>108</sup> Cf. Benoist-Mechin, *Ob. Cit.*, p. 176.

<sup>109</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 81, 82.

<sup>110</sup> Cf. A. Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 180.

<sup>111</sup> Cf. P. Levéque, *Empire d'Alexandre et empires hellenistiques* - in *Ob. Cit.*, p. 108. Neste aspecto, e digna de registo a situacao paradigmatica dos amigos do rei, Hefestion e Cratero. Hefestion, mais jovem, que aprovava os seus actos e o acompanhava nos novos habitos, foi

utilizado por Alexandre para os contactos com as populações autóctones. Cratero, por seu turno, antigo companheiro de Filipe II, da geração anterior a Alexandre, mais apegado e fiel às tradições pátrias, era usado no trato com Gregos e Macedónios (Cf. Plutarco, 47). Heféstion e Cratero, se quisermos os representantes máximos das duas posições, chegaram a enfrentar-se, em combate, por ocasião da expedição à Índia, desembainhando ambos as suas espadas como suplementos dos seus argumentos em defesa das suas respectivas posições, pelo que foram ambos severamente censurados por Alexandre, que os ameaçou de morte se reincidissem. A partir daí, Heféstion e Cratero incompatibilizaram-se para sempre (*Ibidem*, 47).

<sup>117</sup> *Amigos do Rei* - era o título oficial dado aos Macedónios, colaboradores directos de Alexandre.

<sup>118</sup> O termo βάρβαρος (-Barbaro-) e, em grego, polissemico, designando linguística, étnica e geograficamente os não-gregos. A evolução semântica do conceito levou a que se aplicasse, *grasso modo*, a todo o estrangeiro que possuía costumes estranhos, diferentes (considerados selvagens, brutais, grosseiros, desumanos), em regra associados à vida incivilizada (Cr. J. R. Ferreira, *Ob. Cit.*, pp. 193, 194 e Cf. Victor Jabouille, *O Mediterrâneo antigo. Unidade e diversidade*, Lisboa, Edições Colibri, 1996, p. 31). Há em tudo isto um pormenor curioso, digno de registo: os Macedónios assumiam o papel de Gregos na oposição ao bárbaro oriental, olvidando que, pelo menos no início, os próprios Gregos os consideravam também como bárbaros - embora incorrectamente, como a Arqueologia tem demonstrado -, oriundos de um vasto país montanhoso, situado a noroeste da Península Balcânica, dedicados à agricultura, à pastorícia e à caça, falando um dialecto grego incompreensível para os Helenos.

<sup>119</sup> Um pouco ao norte de Babilónia, Opis dominava o cruzamento das estradas da Ásia para o Golfo Persico e do Mediterrâneo para o Mar Caspio e Alexandre escolheu-a para centro da sua administração militar (Cf. Benoist-Mechin, *Ob. Cit.*, p. 140).

<sup>120</sup> Arriano VII, II, 6, p. 217. A tradução é nossa. O rei não concedera este favor aos Macedónios porque era um costume oriental, em uso na corte dos Aqueménidas. A revolta de Opis era o desfecho de uma longa série de crises. Arriano faz-lhe alusão, designadamente quando refere a recusa dos exaustos soldados em prosseguirem a sua marcha e os discursos de Alexandre e do general Coeno (herói da Batalha de Hidaspes), em Hifases (actual Bias), no último afluente do Indo, na fronteira do Punjab (Cf. Arriano, V, 26 e 27, pp. 127 e 128).

<sup>121</sup> A guarda real, *agema*, era formada pela elite do exercito; era, por assim dizer, o *sancta sanctorum* do exercito helenico. A maneira tradicional macedónica compunha-se de um destacamento dos hipaspistas, de uma *ila* de *heteras* (*ila real*) e também de um destacamento de falangistas (Cf. P. Jouguet, *Ob. Cit.*, p. 25). Relembre-se que Alexandre fez entrar na *Agema*, entre outros, Artabelos, Hidarnes, Cofenes e Histanes (irmão de Roxane).

<sup>122</sup> Cf. Philippe Gauthier, 'Histoire grecque et monarchie' - in *Les Monarchies* (Dir. Emmanuel Le Roy Ladurie), Paris, P.U.F., 1986, p. 47.

<sup>123</sup> Cf. Benoist-Mechin, *Ob. Cit.*, p. 166

<sup>124</sup> Cf. P. Leveque, *Ob. Cit.*, p. 345

<sup>125</sup> Cf. *Ibidem*, p. 345.

<sup>126</sup> Como referem A. Aymard e J. Auboyer, 'à quelque civilisation qu'il [Alexandre] voulût réserver le premier rang, ces mesures étaient indispensables pour créer l'unité humaine, sans laquelle tout espoir d'unité morale demeurerait vain' (A. Aymard, J. Auboyer, *L'Orient et la Grèce antique*, Paris, Quadrige/PUF, 1953, p. 388)

<sup>127</sup> Plutarco, 47.

<sup>128</sup> Cf. Arriano, VII, 4, pp. 202-205.

<sup>129</sup> Cf. Plutarco, 70. Durante a sua viagem à Índia, Alexandre Magno casara já, em 327 a. C., com Roxane, *la mujer mas hermosa que en Asia habian visto despues de la mujer de Dario*.

(Arriano, IV, 19, p. 51), filha de Oxiartes, nobre da Bactriana, de quem veio a ter um filho póstumo, Alexandre Agus (futuro Alexandre IV, que viria a ser morto, em 310 a. C., com 12 anos de idade, bem como sua mãe, por Cassandro, filho de Antipatro, então rei da Macedônia), mais tarde associado ao trono da Macedônia com Filipe Arrideu, um deficiente mental – ao que parece em resultado *de umas mezinhas dadas por Olimpiade* (Plutarco, 77), que acabaria por o matar –, meio-irmão de Alexandre Magno, filho de Filipe II e da dançarina Filina. Em vez de a tomar como escrava, como parte do espólio de guerra por ocasião da conquista da Rocha Sogdiana, Alexandre casou-se com Roxane, por paixão – *por amor* –, como diz Plutarco (*Ibidem*, 47) – de acordo com todos os cerimoniais tradicionais da Bactriana, como diz Arriano (Arriano, IV, 19, p. 51). As tropas macedónicas desaprovaram este casamento com uma barbara. Além de Roxane, terá casado ainda com Barsine e com Estatira ou Parisatide. Segundo o relato de Plutarco, o seu relacionamento sexual com Barsine, filha de Artabazo e viúva do general Mémnon, aprisionada perto de Damasco, só ocorreu por instigação de Parménion (Cf. Plutarco, 21). Dai que alguns autores só considerem dois casamentos: Roxane e Estatira. De Barsine teria o filho Hércules que, com 17 anos, seria também assassinado por Cassandro.

<sup>125</sup> Hefestión, por exemplo, o melhor amigo de Alexandre, desposou Dripetis, a irmã mais nova de Estatira, tornando-se, assim, cunhado do rei. Seleuco, o general que viria a ser um dos mais poderosos diádocos de Alexandre, uniu-se a Apama, filha de Espítameno, sátrapa da Sogdiana, companheiro de armas de Besso, responsável pelo massacre de 2000 soldados da guarnição macedónica em Maracanda (Samaracanda) e, até então, um dos mais encarniçados inimigos de Alexandre Magno. Cratero casou com Amastris, filha de Oxatres e sobrinha do Grande Rei. Perdicas recebeu a filha de Atropates, príncipe dos Medos. Ptolomeu, o Lágida, desposou Artakama, a filha do venerável Artabazo. Artónis, irmã de Artakama, foi entregue a Euménio de Cardia. Nearchos casou com a filha do rodota Mentor (Cf. A. Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 209 e Cf. Benoist-Méchin, *Ob. Cit.*, pp. 137, 138).

<sup>126</sup> Cf. P. Jouguet, *Ob. Cit.*, 67.

<sup>127</sup> Ao mesmo tempo que incentiva os casamentos, Alexandre helenizava 30.000 jovens persas (*epigonoí*), fazendo-os aprender a língua, os costumes e a arte militar dos Macedónios. A par dos métodos de combate, os *epigonoí* aprendiam os modos de pensamento correntes da Grécia, cumprindo, assim, um prévio plano de helenização.

<sup>128</sup> Cf. C. Grimberg, *Ob. Cit.*, p. 187.

<sup>129</sup> Cf. A. Bonnard, *Ob. Cit.*, p. 184. É aqui que a auréola de crença mística da sua faceta se cruza com a operacionalidade dos seus exércitos. Como refere Carl Grimberg, sem esse carácter apaixonado, mítico, herdado da mãe, Alexandre nunca se teria tornado o génio que foi e as suas proezas quase sobre-humanas no teatro da história teriam sido inexplicáveis (C. Grimberg, *Ob. Cit.*, p. 164). Logo após a Batalha de Isso, um episódio com o general Parménion atesta a superioridade intrínseca que Alexandre acalentava. Quando Dario III lhe ofereceu um resgate de 10.000 talentos pelos membros da sua família, lhe propôs o casamento com uma das suas filhas e lhe declarou a cedência da Ásia até ao Eufrates, Parménion terá dito: - *“Eu, se fosse Alexandre, aceitaría tudo isso”. “E eu também, por Zeus!”*, observou Alexandre, *“se fosse Parménion”* (Plutarco, 29).

<sup>130</sup> Cf. A. Aymard, J. Auboyer, *Ob. Cit.*, pp. 385, 387.

<sup>131</sup> Cf. V. Jabouille, *Ob. Cit.*, p. 38.

<sup>132</sup> A fundação de novas cidades – considerada o aspecto mais espectacular – das realizações do período alexandrino (Cf. M. de Durand, *Ob. Cit.*, p. 180) – satisfazia necessidades simultaneamente militares, administrativas e económicas, com festivais musicais e gímnicos à maneira grega, com lugares de culto às divindades gregas, com a língua grega como língua oficial de administração e de cultura (Cf. *Ibidem*, p. 182), com uma moeda única, macedónica, de padrão

atico (que substituiu os daricos asiáticos). Mais tarde, as moedas de ouro gregas encontrar-se-ão por todo o Império, incluindo as regiões mais orientais, como Samarcanda, Kabul, Multão, Peshawar, etc. (Cf. Benoist-Mechin, *Ob. Cit.*, p. 250 e Cf. P. Levêque, *Ob. Cit.*, p. 346).

<sup>184</sup> Como Atenas e Esparta, todas as importantes cidades gregas decidiram enviar embaixadores a Babilónia para lhe levarem as coroas de ouro que habitualmente se ofereciam aos deuses

<sup>185</sup> Luciano, *Dialogo dos Mortos*, XIII, p. 56. Cf. *Ibidem*, XI, p. 52.

<sup>186</sup> *Ibidem* XIV, p. 58

## Referências

### Fontes

- Bíblia Sagrada*, 15ª ed., Lisboa, Difusora Bíblica, 1991.
- ARRIANO, *Anabasis de Alejandro Magno. Libros III e IV VIII (India)*, Biblioteca Clásica Gredos, 49 e 50-, Madrid, Editorial Gredos, 1982.
- HERODOTO, *El Enquete. Livres I a IV* (Edition d'Andree Barget), Paris, Gallimard, 1985.
- LUCIANO, *Dialogos dos Mortos* (Introdução, Versão do grego e Notas de Americo da Costa Ramalho), Textos Clássicos - 31, Coimbra, INIC/ Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1989.
- PLUTARCO, *Vida de Alexandre* (tradução de Justino Mendes de Almeida) in Benoist-Mechin, *Alexandre Magno (356-323 antes de Cristo)*, Porto, Lello & Irmãos Editores, pp. 289-364, 1980.
- QUINTO CURCIO RUFO, *Historia de Alejandro Magno*, Biblioteca Clásica Gredos, 96-, Madrid, Editorial Gredos, 1986.

### Obras gerais

- Alexandre le Grand. La vie légendaire*, Paris, Editions du Felin, 1993.
- AYMARD, André, AUBOYER, Jeannine, *L'Orient et la Grèce antique*, Paris, Quadrige/PUF, 1953.
- BENOIST-MECHIN, *Alexandre Magno (356-323 antes de Cristo)*, Porto, Lello & Irmãos Editores, 1980.
- BERNARD, André, *Alexandrie des Ptolemées*, Paris, CNRS, 1995.
- BONNARD, André, *Civilização Grega III. De Eurípides a Alexandria*, Lisboa, Estudios Cor, 1972.
- BRIANT, Pierre, *De la Grèce a l'Orient. Alexandre le Grand*, Paris, Gallimard, 1987.
- Alexandre le Grand*, Paris, PUF, 1994.
- BOWRA, C.M., *Grecia Clásica*, Rio de Janeiro, Livraria Jose Olympio, 1965.
- BURN, A.R., *As cidades rivais da Grécia. Das origens a conquista romana*, Lisboa, Editorial Verbo, 1972.
- COOK, J.M., *Os Gregos Na Jónia e no Oriente*, Lisboa, Editorial Verbo, 1971.
- DROYSEN, Gustave, *Alexandre Le Grand*, Bruxelles, Editions Complexe, 1991.
- DURAND, Matthieu de, *Historia abreviada da Grécia antiga*, Lisboa, Editorial Noticias, 1993.
- FERGUSON, John, *A herança do Helenismo*, Lisboa, Editorial Verbo, 1973.
- FERRERA, José Ribeiro, *Helade e Helenos. Genese e evolução de um conceito*, Coimbra, INIC, 1992.
- Grecia antiga. Sociedade e Política*, Lisboa, Ed. 70, 1992.
- FREEMAN, Charles, *Egypt, Greece and Rome. Civilizations of the Ancient Mediterranean*, Oxford, Oxford University Press, 1996.
- FRYE, Richard, s.d., *A herança persa*, Lisboa, Editora Arcadia.

- GRIMAL, Pierre. *A Mitologia Grega*. 2ª ed. Mem Martins, Publicações Europa-América, 1989.
- Diccionario de Mitologia Griega y Romana*. Barcelona, Paidós, 1994.
- GRIMBERG, Carl. *Historia Universal 3 Do apogeu da Grecia classica à civilização helenistica*. Mem Martins, Publicações Europa-América, s.d.
- HACQUARD, Georges. *Diccionario de Mitologia Grega e Romana*. Porto, Edições Asa, 1996.
- HATZELD, Jean. *Historia da Grecia antiga*. Mem Martins, Publicações Europa-América, 1977.
- JABOUILLE, Victor. *O Mediterraneo antigo. Unidade e diversidade*. Lisboa, Edições Colibri, 1996.
- JOUGUET, Pierre. *L'imperialisme macedonien et l'hellenisation de l'Orient*. Paris, Editions Albin Michel, 1972.
- KITTO, H. D. *Os Gregos*. 3ª ed. Coimbra, Armenio Amado Editora, 1990.
- LÉVEQUE, Pierre. *L'Aventure Grecque*. Paris, Armand Colin, 1964.
- O Mundo Helenístico*. Lisboa, Edições 70, 1987.
- LIVI, Peter. *Grecia - Berço do Ocidente*. Lisboa, Circulo de Leitores, 1991.
- MOSSI, Claude e SCHNAPP GOURBIELON, Annie. *Síntese de historia grega*. Porto, Edições Asa, 1994.
- O'BRIEN, John Maxwell. *Alexander the Great. The Invisible Enemy A Biography*. Londres, Routledge, 1994.
- PETIT, Paul. *La civilisation hellenistique*. Paris, PUF, 1996.
- PULQUERIO, Manuel de Oliveira. *Esquilo Persas*. Coimbra, INIC, 1992.
- QUIRKI, Stephen. *Who were the pharaohs? A history of their names with a list of cartouches*. Londres, British Museum Publications, 1990.
- RACHET, Guy. *Dictionnaire de la Civilisation Grecque*. Paris, Larousse, 1995.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. *Estudos de História da Cultura Clássica. I Volume - Cultura Grega*. 7ª ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- SALES, Jose das Candeias. *A ideologia real acadica e egípcia - representações do poder político pré-classico*. Lisboa, Editorial Estampa, 1997.
- LAVARIS, A. Augusto. *Imperios e propoganda na Antiguidade*. Lisboa, Editorial Presença, 1988.
- WITGALL, Arthur. *Alexandre Le Grand*. Paris, Payot, s.d.
- WELLS, H. G. *Historia Universal. Vol. I. Dos começos da vida na Terra ate ao fim do Imperio de Alexandre Magno*. Lisboa, Edição Livros do Brasil, s.d.
- WETPMAN, Dennis. *Alexandre, o Grande*. Sao Paulo, Nova Cultural, 1988.

## Artigos

- BRIANT, Pierre. «Alexandrie, à la recherche du tombeau d'Alexandre» in *LEgypte ancienne. Mystères et découvertes*. Paris, Edition Tallandier, 1998, pp. 137-149.
- CABALLOS RUFINO, Antonio. «La gran aventura oriental» in *Cuadernos Historia 16*, nº 31, Madrid, Informacion y Revistas S.A. 1985, pp.12-22.
- GAUTHIER, Philippe. «Histoire grecque et monarchie» in *Les Monarchies* (Dir. Emmanuel Le Roy Ladurie). Paris, PUF, 1986, pp. 43-62.
- HERRENSCHMIDT, Clarisse. «L'empire perse achemenide» in *Le concept d'empire* (Dir. Maurice Duverger) Paris, PUF, 1980, pp. 69-102.
- LÉVEQUE, Pierre. «Empire d'Alexandre et empires hellenistiques» in *Le concept d'empire* (Dir. Maurice Duverger) Paris, PUF, 1980, pp. 103-120.

- PETRUCCI, Alfredo, «Siwa, l'oasis de Zeus-Amón» in *L'Égypte ancienne. Les secrets du Haut-Nil*, Paris, Éditions Tallandier, 1998, pp. 45-47.
- RODRÍGUEZ NEILA, Juan Francisco, «Las transformaciones del mundo helenístico» in *Cuadernos Historia 16*, nº 31, Madrid, Información y Revistas S.A., 1985, pp. 23-31.
- SÁEZ FERNÁNDEZ, Pedro, «El ascenso de Macedonia y la unificación de Grecia» in *Cuadernos Historia 16*, nº 31, Madrid, Información y Revistas S. A., 1985, pp. 4-11.
- SALLES, José das Candeias, «A Religião Egípcia : 6. As divindades» in *História*, Ano XIV, nº 147, Dezembro de 1991, Lisboa, Publicações Projornal, 1991, pp. 34-43.
- «Mênfis, a cidade do «Muro Branco»: centro político-teológico do Egipto antigo» in *A Cidade - Jornadas Inter e pluridisciplinares, Actas I*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993, pp. 27-46.